



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

ARTUR CHAVES DA COSTA

**O BAIRRO DO ESTADO NA CIDADE DE CUBATI/PB: METAMORFOSES
TEMPORAIS DE SUA PAISAGEM**

**CAMPINA GRANDE-PB
MARÇO - 2016**

ARTUR CHAVES DA COSTA

**O BAIRRO DO ESTADO NA CIDADE DE CUBATI/PB: METAMORFOSES
TEMPORAIS DE SUA PAISAGEM**

Trabalho de conclusão de curso em forma de monografia apresentado ao curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Geografia.

**Área de concentração: Geografia Urbana
Orientador: Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva**

**CAMPINA GRANDE-PB
MARÇO-2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C837b Costa, Artur Chaves da
O Bairro do Estado na Cidade de Cubati/PB [manuscrito] :
metamorfoses temporais de sua paisagem / Artur Chaves da Costa.
- 2016.
71 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva,
Departamento de Geografia".

1. Bairro do Estado. 2. Paisagem. 3. Cubati. 4.
Diferenciação socioespacial . I. Título.

21. ed. CDD 910.021

ARTUR CHAVES DA COSTA

O BAIRRO DO ESTADO NA CIDADE DE CUBATI/PB: METAMORFOSES
TEMPORAIS DE SUA PAISAGEM

Trabalho de conclusão de curso em forma de monografia apresentado ao curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial a obtenção do título de licenciado em Geografia.

Aprovado em: 22 / 03 / 2016

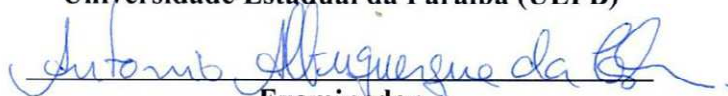
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Examinador

Prof. Ms. Arthur Tavares Valverde
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Examinador

Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho a minha querida Mãe Maria José pelo esforço e cuidado durante minha graduação e a minha querida irmã Marília Lidiane por toda a ajuda concedida antes e durante meus estudos

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concedido saúde e perseverança para a conclusão deste trabalho mesmo em meio a tantas adversidades no transcorrer do tempo.

A minha mãe Maria Jose e a minha querida irmã Marília Lidiane por toda assistência prestada antes e durante minha graduação em Geografia.

A meus queridos professores Arthur Valverde, Luiz Arthur Pereira e Antônio Albuquerque por toda a ajuda e incentivo durante a minha graduação e durante a realização deste trabalho.

A todos os professores do curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba por todo o conhecimento transmitido, e todos os funcionários do departamento de Geografia.

Ao grupo de Estudos e Pesquisa sobre o Urbano (GEUR) por todos os encontros e orientações feitas pelos membros.

Agradeço aos moradores do bairro do Estado por todas as informações cedidas para a concretização deste estudo, sem as quais não seria possível a realização desta pesquisa e aos profissionais que atualmente prestam seus serviços ao Bairro do Estado, como as agentes comunitárias de saúde e o agente de vigilância ambiental pelas relevantes informações sobrevividas.

Agradeço a historiadora Valquíria Lopes pela revisão do capítulo um e pelas sugestões realizadas, e ao bacharel em estatística Ednário Barbosa pela ajuda na tabulação dos dados.

E por fim, agradeço a todos os que de uma maneira ou de outra me ajudaram durante meus estudos acadêmicos e para a conclusão deste curso.

“O espaço é a acumulação desigual de tempos”

Milton Santos

RESUMO

Este trabalho busca compreender como ocorreu a ocupação e posteriormente a transformação do que atualmente é o bairro do Estado, na cidade de Cubati-PB. A relevância deste estudo adveio dos objetivos que se fizeram presentes na pesquisa, que foram: os aspectos históricos, as práticas rudimentares utilizadas pelos primeiros habitantes para a construção das habitações, às distintas atuações das administrações locais, as deficiências estruturais presentes nas diferentes ruas e o amparo social para uma parte dos moradores. Inicialmente houve uma pesquisa bibliográfica em fontes que relatam a ocupação das terras da atual microrregião do Seridó, do município e da cidade. Posteriormente, foi efetuado um estudo das obras empreendidas pelas diversas gestões municipais na localidade. Na bibliografia geográfica para a elucidação das metamorfoses pelas quais o bairro passou, foram realizadas leituras sobre os conceitos de Paisagem e Espaço. Também com o propósito de esclarecer a presença dos predicados urbanos e rurais, houve uma busca sobre os conceitos de cidade e campo, urbano e rural e por derradeiro do conceito de bairro. Com os residentes, o estudo realizou-se com a aplicação de questionários e foi primordial a consulta a alguns profissionais que atendem às ruas da comunidade presentemente. Diante disso, foi constatado que a paisagem do local foi modificada ao longo do tempo com as obras dos seus habitantes e do poder público municipal. O bairro encontra-se em uma área de transição entre o urbano e o rural com a presença destes requisitos e por fim, existem carências sociais e estruturais na localidade.

Palavras- Chave: Bairro do Estado. Paisagem. Cubati. Diferenciação socioespacial.

ABSTRACT

This work seeks to understand how the occupation of the neighborhood Estado in the city of Cubati was and how it subsequently turned into what it is today. The relevance of this study arose from the goals that were present in the research, which were: the historical aspects, the rudimentary practices used by the first inhabitants, the different performances of local governments, the structural weaknesses present in different streets and finally the social support for the residents. In the beginning, there was a bibliographical research whose sources report the occupation of the lands of the current Seridó micro region, the county and the city. In the sequence, it was made a study of the works undertaken by the various municipal administrations in the locality. In the geographical literature to elucidate the metamorphoses through which the neighborhood passed, some readings were taken on the concepts of landscape and space, also with the purpose of clarifying the presence of urban and rural predicates. There was also a search on the concepts of city and country, urban and rural and finally, on the concept of neighborhood. With residents, the study was conducted with the use of questionnaires and was essential to consult some professionals that attend the community's streets at present. Therefore, it was found that the local landscape has changed over time with the works of its inhabitants and the municipal government. The neighborhood is in a transition area between the urban and the rural with the presence of these requirements and by the end, there are social and structural deficiencies in the locality.

Keywords: Neighborhood. Appearance. Modifications. Sociospatial differentiation.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 Mapa da localização da microrregião do Seridó Oriental da Paraíba.....	13
Figura 2 Mapa da localização do município de Cubati no estado da Paraíba.....	18
Figura 3 Parte da Rua José Martins de Oliveira, em 1996.....	21
Figura 4 Parte da Rua José Cordeiro Neto, em 1996.....	22
Figura 5 Matadouro público municipal na sua inauguração.....	23
Figura 6 Planta adaptada do bairro do Estado.....	25
Figura 7 Habitantes por faixa etária do bairro do Estado.....	26
Figura 8 Habitantes por sexo do bairro do Estado.....	27
Figura 9 Parte do Rio que passa próximo as ruas do bairro do Estado.....	40
Figura 10 Rua Izabel Pereira dos Santos.....	58
Figura 11 Rua Manoel Pereira da Silva.....	59
Figura 12 Rua Lourival Alves de Lima.....	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 População do Bairro do Estado.....	26
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 CONCESSÕES DE SESMARIAS E OCUPAÇÃO DE TERRAS NO ANTIGO CUBATI	12
1.1 A fazenda Canoas, a vila e a emancipação política	16
1.2 Bairro do Estado: Seu surgimento e sua história na memória de quem o conhece	19
1.3 Intervenções do poder público local (prefeitura)	23
1.4 Conhecimentos recentes relacionados à população do bairro do Estado.....	26
2 PAISAGEM EM GEOGRAFIA.....	28
2.1 Bairro do Estado: Duplicidade da paisagem urbana e da paisagem rural.....	32
2.2 O bairro do Estado como uma paisagem periurbana.....	36
3 ESPAÇO EM GEOGRAFIA.....	43
3.1 A cidade, o espaço urbano e o bairro: uma momentânea explanação.....	48
3.2 Desigualdade socioespacial e adjutório do poder público no bairro do Estado.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	64
APÊNDICES.....	67

INTRODUÇÃO

O que no tempo hodierno é conhecido como bairro do Estado, em decênios passados sempre chamou a atenção das pessoas que passavam pelo local em que o mesmo está centrado, uma vez que este se encontra localizado na entrada da cidade e esta atenção era direcionada para a forma e as aparências que as primeiras residências apresentavam em tempos antigos. Estas habitações formavam as duas primárias ruas do que hoje é o bairro, e devido à falta de recursos, os residentes destes domicílios tinham sua própria maneira de fazer uma moradia, as quais eram feitas de forma artesanal. Com o decorrer do tempo, estas moradias vão mudando gradualmente, assim como o feitiço da paragem como um todo.

Este estudo teve o objetivo de elucidar como ocorreu o surgimento e a posterior formação do que atualmente é o bairro do Estado, e esclarecer as diversas alterações que as ruas que compõem o mesmo passaram ao longo do tempo, modificações estas empreendidas pelo poder público local e por seus moradores. Estes últimos muitas vezes utilizando artifícios simples.

Nesta pesquisa houve o conhecimento de como o poder público, em condição local, ou mais diretamente a prefeitura, metamorfoseou o bairro ao longo do tempo, nas diferentes gestões municipais, as quais transformaram a paisagem da localidade atualmente. Ainda dentro desta abordagem, houve o conhecimento das junções de atributos urbanos e rurais presentes no ambiente, uma vez que os objetos construídos pausadamente estão adentrando o sítio Canoa Velha, e em alguns pontos não se sabe ao certo o que pertence à cidade e o que pertence à zona rural.

Esta aprendizagem foi importante, pois ocorreu uma aferição dos diversos produtores e transformadores do espaço urbano, em razão de este estudo ter sido realizado dentro de um bairro de pequeno tamanho e de uma cidade também de pequeno porte. Com isso, houve o conhecimento das diversas feições que o bairro teve ao longo do tempo e das obras empreendidas pelo poder público.

A presente averiguação encontra-se organizada em três capítulos, cada um tendo sua temática, nas quais as suas características podem ser constatadas de maneira acessível e simples no objeto de estudo, o qual é conhecido popularmente por Bairro do Estado, ou mesmo como alguns moradores relatam, “Rua do Estado”.

No capítulo um foi abordado o modo de conquista das terras que atualmente compõem o município de Cubati e a posterior formação da cidade. Em seguida, vem o esclarecimento

do processo histórico que deu surgimento ao que no tempo presente é o bairro do Estado, com a ocupação do local pelos primeiros moradores, as características das duas primeiras ruas, as intervenções do poder público municipal nas distintas atuações e as informações referentes à quantidade da população residente no bairro.

No capítulo dois é feito um tratamento da transformação que a paisagem sofreu no decorrer do tempo, bem como uma discussão dos aspectos da presença da paisagem urbana e da paisagem rural aí contidas, cada uma com suas peculiaridades, e o bairro como uma área de transição entre o urbano e o rural em uma cidade de pequeno tamanho.

O capítulo três traz uma conversação do conceito de espaço em Geografia, juntamente com algumas apreciações importantes nesta pesquisa como, cidade, bairro, espaço urbano, e trata da diferenciação presente no bairro atualmente, trazendo a informação das deficiências sociais e estruturais que acometem os residentes e, por fim, a assistência dada aos moradores pelo poder público.

Nesta investigação, o procedimento realizado deu-se no começo com uma coleta de informações em algumas fontes escritas, que relatam a história e o processo de apropriação pelos primeiros sesmeiros das terras as quais atualmente constituem a microrregião do Seridó do estado da Paraíba, com maior importância para o Seridó Oriental. Em seguida, foi feita uma procura de informações sobre a conquista e a posse das terras, as quais no tempo presente integram o município e a cidade de Cubati, pelos primeiros habitantes. Junto a isso foi efetuada uma investigação de como ocorreu o surgimento e a emancipação política do município. Logo após, foi empreendido um estudo minucioso das realizações das diferentes gestões municipais, no local que presentemente é o bairro do Estado.

Dentro do conhecimento geográfico, inicialmente foi feita uma pesquisa bibliográfica com autores que tratam da categoria Espaço e Paisagem, para a elucidação das transformações e dos problemas os quais o bairro passou e vive atualmente. Posterior a isso, foi feito um exame sobre os conceitos de cidade, campo, urbano, rural, e por último, da expressão bairro.

Ainda dentro da Geografia, foi feita uma pesquisa com autores da Geografia Crítica, para a compreensão das metamorfoses que o bairro presenciou no decorrer do tempo, para elucidar os problemas que o mesmo vive atualmente, e para a compreensão das diferenças sociais e espaciais que o bairro concentra. As pessoas estudadas foram avaliadas a partir da qualidade de vida e, posteriormente, do padrão de vida, para que houvesse o entendimento sobre as disparidades sociais e espaciais que estes moradores apreendem. Dessa forma, foi feita uma análise qualitativa a partir da realidade vivenciada pelos habitantes do bairro.

Para o conhecimento acerca da utilização dos primeiros habitantes, e a aparência em tempos passados, sobre o local que o bairro esta situado foram realizadas entrevistas com os moradores mais antigos, e por aqueles que conheceram a paragem no passado, como alguns residentes do sítio Canoa Velha e vários habitantes do centro da cidade.

Também dentro deste esclarecimento, foi primordial a consulta aos profissionais que em decênios passados prestaram serviços nas duas primeiras ruas, que atualmente é o bairro, como a primeira professora, e, posteriormente, diretora do grupo escolar (esta trabalhou vinte e seis anos no grupo) e dois pedreiros (um trabalhou na construção das residências).

Para a informação da qualidade de vida e dos problemas estruturais que no tempo atual afligem a população do bairro, consistiram-se entrevistas com perguntas estruturadas com as duas agentes comunitárias de saúde (estas tem as fichas com as informações de cada residência), e com o agente de vigilância ambiental (ou vigilância epidemiológica), o qual atende as ruas no tratamento da água. Ainda dentro dos profissionais que trabalham nestas ruas, houve a realização de entrevistas com as monitoras da creche.

Dentro do bairro foi feita uma constatação, sobre os problemas relacionados à infraestrutura. A pesquisa com os moradores, se procedeu com a aplicação de questionários com respostas abertas, em 30% das residências presentes em cada rua, às perguntas abordavam como eram as moradias no passado, as gestões que interviram no local, o grau de escolaridade dos indivíduos, a renda e os programas sociais concedidos pelo governo aos residentes.

No que toca a informação da aparência e das transformações feitas nesta paragem, foi empreendida uma procura de registros fotográficos que exibissem as características das moradias e das duas primeiras ruas em tempos antigos, as quais foram conseguidas com uma moradora do bairro e com algumas famílias dos prefeitos que interviram neste espaço nas diversas gestões. Para uma representação de como as diferentes ruas estão organizadas, foi relevante as informações coletadas no escritório local da Cagepa, a qual disponibilizou a planta, com o esboço de todas as moradias no bairro que são abastecidas pelo serviço de água encanada.

Dessa forma, houve o esclarecimento da ocupação da região do Seridó Oriental e das terras onde está o município e a cidade de Cubati. Conseguiu-se através dos relatos, a maneira como ocorreu à ocupação da localidade, na qual o bairro do Estado está presentemente, as intervenções que o poder público municipal realizou, os problemas que o mesmo concentra e, por fim, os subsídios das alterações ao longo do tempo.

1 CONCESSÕES DE SESMARIAS E OCUPAÇÃO DE TERRAS NO ANTIGO CUBATI

Aos finais do século XVII, a capitania da Paraíba era habitada pelas tribos indígenas, Tupis, Cariris e Tarairius. Os Caetés, que primeiro chegaram à região, já tinham sido exterminados quando a capitania foi fundada (AGRA, 2010). Os Tarairius habitavam além do litoral, as regiões secas do Seridó e do Sertão, e as ribeiras dos rios Jaguaribe, Apodí, Açú, Piranhas, Sabugi e Seridó. Estes índios eram divididos em várias tribos, que eram os Janduís, Ariús, Pegas, Panatis, Sucurus, Paiacus, Canindés, Genipapos, Cavalcantis e Vidais.

Todos estes grupos faziam parte dos Tapuias, como eram citados pelos holandeses, que eram divididos em Cariris e Tarairius. Os Tarairius não tinham moradia, assim desenvolviam agriculturas pelos vales dos rios e falavam uma língua diferenciada do tupi e do guarani (AGRA, 2010).

Foram feitas várias classificações para designar os indígenas do Brasil. Na classificação linguística feita pelos padres jesuítas a denominação Tapuia era com respeito aos índios falantes de uma língua travada, estes praticavam uma agricultura muito rudimentar juntamente com a caça e a pesca (SANTOS, 2012).

Com a expansão da colonização para o interior, ou sertões, foi inevitável o contato dos portugueses com os povos nativos, causando espanto ao povo europeu as diferenças culturais e a bravura destes indígenas. Os portugueses não os conheciam e esses nativos falavam uma língua indecifrável, segundo eles afirmavam uma “língua bárbara”, esses índios não Tupis eram chamados de Tapuias (ALVES; SOUSA, 2012).

Os índios Tapuias foram um obstáculo para os portugueses ao passo que iam adentrando os sertões, ficando patente que sem o seu extermínio, não havia possibilidades de colonizar a região sendo para os portugueses um desafio a enfrentar (ALVES; SOUSA, 2012). De forma geral, para que não haja dúvidas, a denominação “Tapuias” era o nome dado pelos portugueses aos indígenas que não falavam o Tupi (BECHARA, 2009).

Antes que ocorresse a ocupação definitiva pelo “homem civilizado”, houve um conflito, o qual foi chamado de Guerra dos Bárbaros ou Confederação dos Cariris, entre 1680 e 1730, sendo os índios Tarairius responsáveis por este conflito, havendo vários confrontos com os desbravadores, que levou basicamente ao extermínio dos indígenas.

Esta conflagração foi responsável pelo desaparecimento, ou até mesmo pelo extermínio dos indígenas nos sertões paraibanos, estando inserida nestes sertões a região do

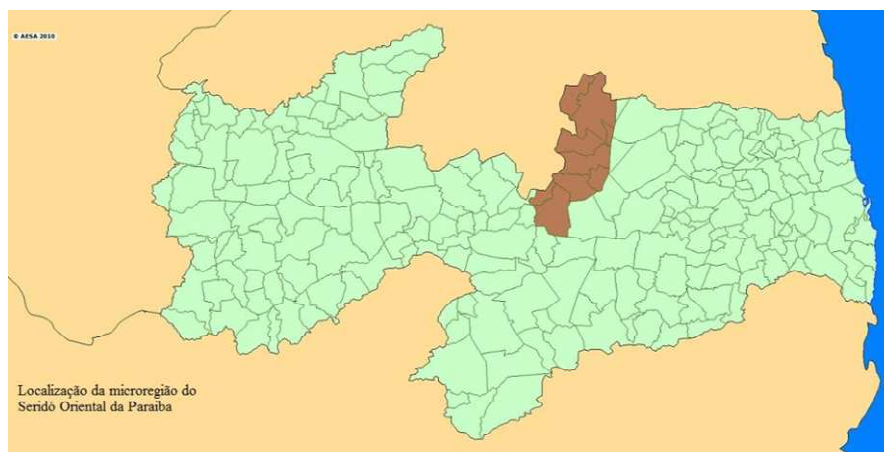
Seridó. Muitos dos índios que não foram mortos, fugiram para as serras e grotões ou foram aprisionados pelos sertanistas. No final do século XVII e começo do século XVIII quando o sertão ficou praticamente um deserto humano é que chegaram os homens brancos na ribeira do Seridó requerendo terras para a criação de gado (AGRA, 2010).

Destacou-se nesta querela, a figura do grande desbravador dos sertões, Teodósio de Oliveira Lêdo, pela violência que o mesmo aplicava contra os Tapuias dos Sertões. Até o rei de Portugal manifestou-se contra as crueldades cometidas, bem como a maioria dos missionários (BRITO; OLIVEIRA, 2012).

O Seridó paraibano era habitado pelas tribos indígenas Canindés, Sucurus e, onde hoje se localiza a cidade de Cubati, pelos Janduís. Todos estes grupos faziam parte da grande nação dos Tapuias do Nordeste, que se destacavam pela sua ferocidade e praticavam o endocanibalismo, isto é, comiam os restos mortais de seus próprios parentes. Conhecendo-se um pouco sobre os índios que receberam a denominação de Tapuias e quanto as suas características, observa-se que eram possuidores de uma grande altura, força e coragem ao ponto de correrem como um cavalo, se alimentando basicamente dos ossos moídos de seus parentes e misturados com o mel de abelhas (OZILDO, 1995).

É necessário esclarecer que a região do Seridó engloba dois estados, uma parte do estado da Paraíba, e uma parte do estado do Rio Grande do Norte. Esta região é denominada assim, pela presença do rio Seridó, tendo sua nascente no município paraibano de Cubati. Quanto ao significado, a palavra Seridó equivaleria á “terra de pouca folhagem” (AGRA, 2010). O município de Cubati, junto com 8 demais municípios, está localizado na microrregião do Seridó, pertencente ao estado da Paraíba. O Seridó Oriental, como pode ser constatado na figura 1.

Figura 1: Localização dos 9 municípios do Seridó Oriental da Paraíba.



Fonte: Portal AESA mapas adaptado.

A expressão “Sertão do Seridó”, foi usada durante muito tempo pelos seridoenses, devido a localização da região que está no centro-sul do Rio Grande do Norte e centro-norte da Paraíba. Assim, desde os primeiros colonizadores esta região é conhecida como sertão. No início do século XIX foi utilizada a expressão “Ribeira do Seridó” denominando esta região (AGRA, 2010).

A ocupação das terras do Seridó ocorreu pela procura de terras propícias à criação de gado, pois o Seridó destacava-se naquele tempo, por seus solos férteis e vivia-se o ciclo do couro, onde tudo era feito do couro dos animais (OZILDO, 1995). As concessões e a posterior ocupação das terras em que hoje está o município e a cidade de Cubati, ocorreram no começo do século XVIII, porém em tempos mais antigos, outras partes da atual microrregião do Seridó paraibano estavam sendo ocupadas.

A posse das terras, nas quais hoje está Cubati, foi realizada pelo sistema de sesmarias que, segundo Bechara (2009, p.814) significa “lote de terra não cultivada que o rei de Portugal doava a quem se dispusesse explorá-lo”. No entanto, pelas obras consultadas, as doações das terras do Seridó foram feitas pelo governo da então capitania da Paraíba, e não pelo rei de Portugal, tendo o sistema de sesmarias vigorado até o ano de 1822.

A primeira sesmaria concedida, onde hoje está o município de Cubati, data de 30 de Agosto de 1723. Esta concessão foi transcrita por Irineu Jofily, no livro *Synopsis das sesmarias da capitania da Paraíba*, publicado em 1893. A sesmaria tem referência o senhor tenente Francisco Fernandes de Sousa. Esta petição foi confirmada pelo governo da capitania em 20 de Dezembro de 1724, na qual o tenente alegava que a mais de vinte e três anos, com muito trabalho e correndo perigo de vida, invadiu aqueles sertões, entre a serra da Borborema e o rio Cubati, e está nele morando (OZILDO, 1995).

O tenente se fixou no território do atual município por volta de 1700, estabeleceu moradia e instalou sua fazenda. Depois de conhecê-lo e explorá-lo é que requereu a data de terra. Esta sesmaria é tida como certidão de nascimento do município, pois constitui o primeiro documento que grafa o nome Cubati. Em 19 de Março de 1734, outra concessão de terras foi feita próxima ao rio Cubati, tratando-se de Cosme Gomes de Figueiredo e Vicência de Arruda Câmara, que obtiveram terras ao longo do riacho Cubati, no sertão do Seridó, no vizinho município de Pedra Lavrada (OZILDO, 1995).

Em 6 de Agosto de 1741, o tenente Antônio de Sousa e Inácio Pereira da Cunha, que alegavam possuírem gados e por não terem onde instalar suas fazendas, obtiveram seis léguas de terras próximo ao riacho Cubati. Ainda em 20 de Agosto de 1766, o sargento-mor José Moreira de Ramos e Matheus Bezerra Cavalcante, receberam uma sesmaria no sertão do

Seridó, que seria um sítio para criar gado, ao qual deram o nome Lagamar, ficando este ao norte do sítio Cubati. (OZILDO, 1995).

Naquele tempo, os primeiros desbravadores da região do Seridó, favoreceram-se muitas vezes dos cursos dos rios para suas explorações e procura de terras para instalarem suas fazendas, vê-se nestas concessões que o rio Seridó estava presente para a demarcação das terras (OZILDO, 1995).

Para a fundação das fazendas de gado, a presença de água era fundamental, pois supria a necessidade dos desbravadores como também dos animais. Mesmo que houvesse períodos longos de estiagem, estes leitões poderiam ser cavados e revelariam algum veio de água (AGRA, 2010). Nesta última fonte consultada, encontram-se várias concessões de terras onde hoje está o município de Cubati, como as que seguem:

No ano de 1704, em 10 de Outubro, Dona Rosa Maria Dourado de Albuquerque, Antonio Gonçalves Neto, José de Amorim dos Passos, Ana de Abreu e Manuel Monteiro, que moravam na capitania da Paraíba, obtiveram três léguas de comprimento e uma de largura pelo rio Seridó acima. Esta concessão tomou o n° 41 e percorria terras do hoje município de Cubati (AGRA, 2010).

Em 1735, no dia 10 de Março, Francisco de Arruda Câmara e Salvador Pereira, que moravam na capitania da Paraíba, receberam do governador Pedro Monteiro de Macedo a data e sesmaria de n°242, que media 3x1 léguas, corria do nascente para o poente e ficavam dentro da compreensão os olhos d'água do Quati e Frecheiras, onde está a organização administrativa de Cubati (AGRA, 2010).

No dia 03 de Junho de 1742, Manuel de Souza Santiago, que morava no sertão do Jacu, da capitania da Paraíba, obteve deste mesmo governador da capitania da Paraíba, uma sesmaria de n° 295 no lugar Santa Maria, onde atualmente está o município de Cubati (AGRA, 2010).

Em 25 de Novembro de 1742, Mateus Bezerra da Costa, obteve do governador da capitania, Pedro Monteiro de Macedo, uma sesmaria de n° 234, que media 3x1 léguas, iniciando as terras às ilhargas do Riacho dos Padres, e tomando o rumo do poente, na atual comuna de Cubati (AGRA, 2010).

Outra concessão é feita em 17 de Janeiro de 1775, em que Jerônimo de Albuquerque Melo, obtém do governador da capitania da Paraíba, José de Melo e Castro, a data e sesmaria n° 692, com 3x1 léguas, no riacho do lagadindo, que ficava próximo ao riacho Canoa, nascendo na serra da Borborema e correndo para o Seridó, no município de Cubati. Uma última sesmaria citada é concedida em 20 de Setembro de 1790, em que José de Barros da

Cruz obtém a data e sesmaria nº 948, a qual as terras eram denominadas de Cubati, esta concessão foi feita no governo de Jerônimo José de Mello Castro (AGRA, 2010).

As fazendas que eram instaladas no Seridó, tinham como principal função econômica, a criação do gado vacum, pois esta era a principal atividade econômica na época da povoação destas terras, existindo ainda em pequena proporção a criação do gado cabrum e ovelhum, e do gado muar e cavalari. Outra atividade não muito importante, mas que era praticada nas fazendas, era a que compete à alimentação dos habitantes, nas quais as terras eram em menor área destinadas à agricultura, em que se plantavam alguns cereais para a subsistência como feijão, milho, mandioca, jerimums, maxixes e melões (AGRA, 2010).

Assim sendo, a região do Seridó era inicialmente habitada pelos índios Tapuias. Quando estes foram exterminados é que estas terras foram sendo aos poucos ocupadas pelos sesmeiros que aqui chegaram, e foram estabelecendo suas propriedades para a criação de gado, através da implantação de fazendas, não ficando fora destas concessões as terras nas quais atualmente está o município de Cubati.

Verifica-se nestas concessões de terras, que na linguagem dos índios que habitavam o Seridó, fazia-se presente os nomes Cubati, Lagamar, Quati e outros mais, bem como a presença marcante dos elementos da natureza para a demarcação das terras, como se veem a menção feita várias vezes ao rio Seridó, este tendo sua importância para a ocupação das terras.

1.1 A FAZENDA CANOAS, A VILA E A EMANCIPAÇÃO POLÍTICA

Como foi exposta, a ocupação das terras do Seridó ocorreu através da concessão de sesmarias que serviram para a instalação de fazendas para a criação do gado, coincidência ou não, foi através de uma fazenda que ocorreu o início da povoação ainda incipiente do que viria ser a cidade e o município de Cubati. No início do século XX, onde hoje está a cidade, existia uma propriedade cujo nome era Canoas de posse do senhor Joaquim Gurinhem, tendo esta como escravo, o senhor Manoel Maria de Barros.

Segundo Rietveld (2010, p.109), “o nome Canoas foi usado durante certo tempo, pois indica uma pedra na forma de uma canoa que era usada para atravessar um rio, e está localizada próxima a cidade”. O referido escravo da fazenda, quando ganhou a liberdade foi presenteado pelo seu senhor com uma porção de terras. No ano de 1910, Manoel Maria de Barros começa a construção de uma capela no povoado, terminando esta construção no ano seguinte (RIETVELD, 2010).

Outra versão afirma que quando Manuel Maria de Barros ganhou a liberdade, construiu junto com alguns moradores, um mercado pequeno, onde os tropeiros realizavam trocas e vários negócios, e descansavam antes de seguir viagem. Depois houve a construção de uma capela e a formação da vila do distrito e finalmente a emancipação política (AGRA, 2010).

A capela quando foi construída, ainda não tinha padroeiro, mas, no dia 17 de Janeiro de 1915, a esposa de Manoel Maria de Barros, depois de ficar viúva resolveu doar uma parte de terras ao padroeiro São Severino Bispo. A devoção a este santo foi trazida pelos franciscanos que aqui pregaram na primeira metade do século XX, sendo o conhecido Frei Martinho quem trouxera esta devoção ao arruado, pois este santo era invocado em tempos de seca. Em 1911, houve a tentativa de realizar a primeira feira livre no povoamento, esta não veio a prosperar, só no ano de 1924, com a chegada do padre Simão Phileto, ocorreu a feira livre que prosperou. Este padre tornou-se um personagem importante para o crescimento do então núcleo habitado (RIETVELD, 2010).

Com o desenvolvimento da nascente povoação, em 1938 foi criado o distrito de Canoas, o qual foi incorporado ao então município de Picuí. No decreto-lei estadual nº 520 de 31 de Dezembro de 1943, o distrito Canoas passou a chamar-se de Cubati. Através da lei estadual nº 2.076 de 30 de Abril de 1959, ocorre a emancipação política de Cubati, tornando-se um município, desmembrado do município de Picuí (AGRA, 2010).

Porém, segundo os moradores mais antigos da cidade, devido às dificuldades da época a notícia da emancipação política só chegou ao conhecimento da população, do então distrito, em 06 de Julho de 1959, data que ficou sendo comemorado o aniversário do município.

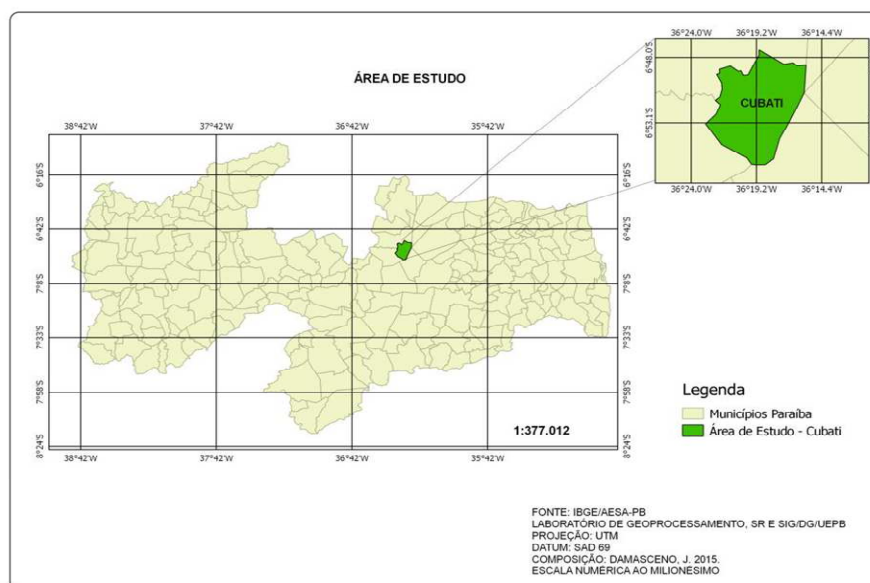
Com a emancipação política, tornou-se necessário a presença de um representante legal para a nova comuna, o qual segundo uma poesia escrita sobre Cubati, Vicente José de Medeiros afirma: “Agora com esse evento tomaram outro destino foi escolhido do povo o senhor José Paulino, pra assumir a prefeitura como prefeito interino” (RIETVELD, 2010).

Quanto ao significado do nome Cubati, existem três acepções, o primeiro (e o mais aceito) é que se tratava do nome dado pelos indígenas ao rio Seridó, rio que também dá nome a microrregião em que o município está inserido, e segundo os estudiosos da toponímia paraibana quer dizer rio de água salobra (OZILDO, 1995). No entendimento de Bechara (2009, p. 797), “salobra ou salobro significa água com certo grau de sal, e até mesmo gosto desagradável”.

O segundo, é que seria uma planta da família Mirtaceae (jambo) que servia de repouso para os índios, como depois para os portugueses que aqui chegaram. Existindo ainda

uma terceira versão, que afirma que Cumati (semelhante à Cubati) era o sobrinho do chefe indígena rei Janduí, que habitavam o local onde hoje está a cidade, (ALMEIDA, 1997, p. 286 apud RIETVELDE, 2010, p.109). A localização do município no estado da Paraíba pode ser verificada na figura 2.

Figura 2: Mapa da localização de Cubati no estado da Paraíba.



O município de Cubati atualmente concentra uma população de 6.866 habitantes (Censo 2010) e a estimativa pelo IBGE para a população em 2015 é de 7.193. A densidade demográfica do município corresponde a 50,13 (hab/km²), e sua área territorial apresenta 136,967 km², neste município ocorre o predomínio da população urbana, ou seja, a maioria dos habitantes reside na cidade.

No comércio, a cidade congrega diversos estabelecimentos como mercadinhos, mercearias e destaca-se a feira livre realizada aos sábados, a qual é feita tanto por comerciantes do município de Cubati, como de municípios circunvizinhos. Ainda na questão comercial, ocorre na zona rural da cidade a extração da bentonita (um tipo de minério) que é exportado totalmente para empresas do estado.

Anualmente ocorre a realização da festa de emancipação política, denominada de Super Cross (feita no mês de julho), em que acontece uma corrida de motocicletas, abrangendo o nível estadual e a região Nordeste. A pista na qual é realizada a competição, está situada na cidade, e a concretização desta festa é relevante, pois contribui para o comércio local, uma vez que uma parte dos comerciantes fazem-se presentes com a venda de seus produtos.

1.2 BAIRRO DO ESTADO: SEU SURGIMENTO E SUA HISTÓRIA NA MEMÓRIA DE QUEM O CONHECE

Para que a Geografia, que é a “ciência que estuda as relações entre a sociedade e a natureza” (ANDRADE, 2008, p. 22), possa analisar o Bairro do Estado e compreender todo o processo de ocupação e transformação do local o qual o mesmo está atualmente, é necessário que aconteça uma revalorização do passado histórico. Passado este presente na memória de quem o conheceu e viveu no início da formação do que hoje é o bairro.

Antes, porém, é relevante esclarecer que memória é uma categoria psicológica e biológica que armazena e conserva informações, tornando-se um elemento essencial para a identidade de um lugar. Partindo da memória individual ou de seus registros pode-se chegar a momentos urbanos que já passaram, e formas espaciais que já desapareceram (ABREU, 2012).

Da existência da memória individual, que compete a cada indivíduo tem-se ainda a memória coletiva, esta é voltada a um grupo de indivíduos que compartilhou um determinado espaço que se habitou, em que se trabalhou ou viveu, um espaço que foi compartilhado. As relações sociais estabelecidas por um determinado grupo de pessoas trazem a memória grupal ou social de um determinado lugar (ABREU, 2012).

Sendo a cidade um lugar de memória, existem várias memórias coletivas, que competem à mesma cidade, sendo diferentes umas das outras, porém a memória é diferente da história, a memória é seletiva, lembra-se o que se deseja, a história busca ser objetiva, afirmar a verdade, daí vem às vantagens da história sobre a memória (ABREU, 2012).

Está presente em quem habita e quem conheceu o Bairro do Estado tanto a “memória urbana”, estando voltada para o modo de vida urbano, e a “memória da cidade” que trata destas lembranças em um determinado lugar, tendo a Geografia bastante importância para a recuperação da memória das cidades e para a memória do lugar (ABREU, 2012).

Com as informações presentes na memória dos moradores do bairro e de quem conheceu aquele local em épocas passadas, é possível identificar com clareza os fatos históricos que se fizeram presentes ao longo do tempo, e como a população que ali habitava, transformou com seus métodos rudimentares aquele espaço, sendo possível também constatar como eram as condições de vida dos seus moradores incipientes.

Segundo as entrevistas realizadas com algumas pessoas do centro da cidade, do Sítio Canoa Velha, e por último os moradores do bairro do Estado, o espaço onde atualmente este

último está localizado, era no passado uma área rural, a qual, posteriormente, teve uma parte utilizada como o primeiro depósito de lixo da cidade.

De acordo com um morador que há 51 anos reside no centro da cidade, este afirma que “antes do lixo, era um plantio de agave”, afirmação que se confirma com outro morador dizendo que, “era agave e capim”. Outra entrevistada afirmou que “na primeira época era mato depois a prefeitura comprou e foi utilizado para jogar o lixo”. Estes relatos foram confirmados pelos moradores do bairro, quando perguntados para que era utilizado o local em que o mesmo está. Uma moradora residente há 40 anos no local, afirmou que “era um campo de agave, depois o lixo”, outro de 57 anos, afirmou que era um campo de “agave e algodão, o lixo foi depois”.

É relevante esclarecer que o Agave, ou sisal, é uma planta da qual se retira uma fibra usada para fabricação de cordas e tapetes, esta teve muita importância para o município de Cubati, que foi um grande produtor desta fibra.

Um ex-morador do Bairro do Estado, que atualmente reside no centro da cidade, afirmou que no passado “era um depósito de lixo, tinha muito mato”, e uma agente comunitária de saúde que atende o bairro, completa dizendo que “antigamente era um despejo de lixo, de entulho, criação de porcos, de cabras”.

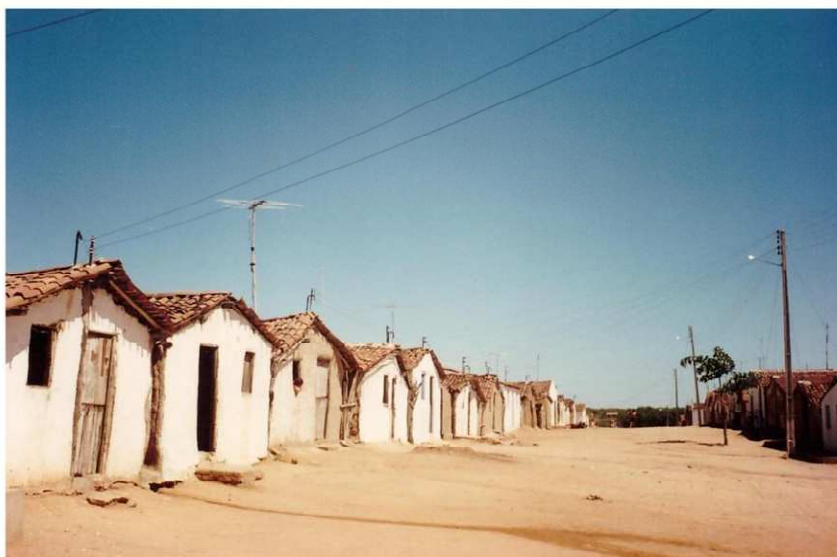
Quanto à ocupação deste local, esta se deu de várias maneiras, uma destas vê-se na afirmação de uma entrevistada que mora na cidade há 40 anos e trabalhou 26 anos no Bairro do Estado, segundo ela “os terrenos eram da prefeitura, alguns tinham donos, depois foram fazendo umas casas de taipa”. Em outras informações coletadas, afirmou-se que as pessoas daquele local foram pedindo ao prefeito os terrenos, outros terrenos foram doados e alguns comprados pelos incipientes moradores do bairro.

A forma e a aparência das primeiras moradias, eram bastante rudimentares no início da formação das duas primeiras ruas do bairro, segundo os entrevistados e os moradores das ruas, as habitações eram conhecidas popularmente como “casas de taipa” ou até mesmo “casinhas de taipa”. Esta aparência pode ser constatada nas fotografias que se teve acesso durante a pesquisa, as quais mostram o feitiço das duas primeiras ruas do bairro do Estado, como pode ser constatado na figura 3, em que vê-se uma parte da Rua José Martins de Oliveira, provavelmente em 1996.

Por estas primeiras moradias estarem localizadas próximas ao depósito de lixo da cidade ou mesmo no local utilizado para esta finalidade, distante apenas alguns metros, estas ruas passaram a serem denominadas pelos moradores daquele tempo vulgarmente de “Rua do Lixo”, fato que se comprovou quando algumas pessoas que residem no bairro, afirmaram que

antes era a “Rua do lixo”, bem como os entrevistados do centro da cidade e do sítio Canoa Velha. Estas ruas foram nomeadas de José Martins de Oliveira¹, e a outra, José Cordeiro Neto², no entanto em épocas passadas as pessoas utilizavam a denominação “Rua do lixo” para se referirem a elas.

Figura 3: Parte da Rua José Martins de Oliveira, em 1996.



Fonte: Família do ex-prefeito Ernandes Da Vinci Chaves de Lima.

Estas moradias de pau a pique são feitas com as paredes de madeira entrelaçada e preenchidas com barro batido, ocorrência que pode ser confirmada na figura 4, onde vê-se uma parte da Rua José Cordeiro Neto, também no ano de 1996 com a presença destas habitações.

De acordo com as informações colhidas sobre o padrão de vida dos primeiros moradores daquele local, contatou-se que eram pessoas muito pobres, carentes de recursos, como vê-se nesta afirmação de um entrevistado, o qual afirma que eram de “baixa renda todos eles, trabalhavam na agricultura, não tinha quem tivesse condições, os homens trabalhavam no motor de agave e as mulheres no roçado”.

Em outras respostas, uma entrevistada que reside há mais de 50 anos na cidade, afirmou que os moradores eram “paupérrimos, extremamente pobres e muitas vezes

¹ De acordo com as informações cedidas por familiares, José Martins de Oliveira, foi fazendeiro, dono de terras e pecuarista residia na zona rural, no sítio Logradouro, pertencente ao município de São Vicente do Seridó e faleceu em 1969.

² Segundo a Família, José Cordeiro Neto residia na zona rural no sítio Lajedo Vermelho pertencente ao município de Cubatí, era agricultor, pecuarista e comerciante de produtos da terra como o algodão, mamona e o agave (sisal), faleceu segundo os relatos em 1977.

dependiam de ajuda da Igreja e da sociedade, na parte de estrutura era pobre em todos os aspectos, a estrutura era terrível, faltava tudo”.

Figura 4: Parte da Rua José Cordeiro Neto, em 1996.



Fonte: Família do ex-prefeito Ernandes Da Vinci Chaves de Lima.

O ex-morador do bairro citado anteriormente, afirmou que a “Pobreza era geral, vivia da agricultura, sofria muito no tempo de seca”. Outra informação deu conta de que nos tempos de seca estes moradores eram “fichados na emergência”³. E ainda uma moradora do sítio Canoa Velha, afirmou que alguns moradores eram “pobrezinhos demais, pediam esmolas, a maior parte muito pobre”. E por último, um morador residente há 35 anos no centro da cidade, afirmou que havia “baixa renda com situações de miséria”, nos habitantes destas 2 ruas.

Diante destas informações coletadas, expostas por diversas pessoas que conheceram o local em que o bairro do Estado está centrado, vê-se que sua constituição ocorreu em decênios passados, logo depois da emancipação política do município e no início da formação da cidade.

O local que o bairro está, segundo os relatos, teve uma parte utilizada como depósito de lixo, pois assim como hoje se localiza distante da cidade, quanto aos seus habitantes vê-se que no princípio era uma população marcada pela falta de recursos, como pode ser verificado na construção das moradias, as quais eram “casas de taipa”. Estes residentes, pelos relatos, dependiam muitas vezes da ajuda das instituições como a prefeitura.

³ Programa feito pelo governo nos períodos de seca com diversas formas de trabalho.

1.3 INTERVENÇÕES DO PODER PÚBLICO LOCAL (PREFEITURA)

O primeiro prefeito do município foi nomeado interinamente e governou apenas alguns meses, em 1959, logo depois da emancipação política. Neste mesmo ano ocorreu o primeiro pleito eleitoral, no qual os munícipes escolheram seu gestor.

A intervenção do poder público municipal, no Bairro do Estado, começou basicamente no mandato do primeiro prefeito eleito pelo voto dos habitantes do incipiente município, o qual foi José de Medeiros Dantas. O primeiro mandato ocorreu de 1959-1963, foi nesta gestão que houve a aquisição do terreno para a construção das barragens e tanques de grande e médio porte para a captação de água.

Próximo aos tanques havia, como os moradores afirmaram, o “campo de agave”, vindo uma parte do terreno a ser utilizado para o depósito de lixo, o qual os moradores foram ocupando, pois alguns terrenos eram da prefeitura. Foi nos decênios de 1960, 1970 e 1980 que se formaram as duas primeiras ruas do Bairro do Estado que tem por nome, José Martins de Oliveira e a outra, José Cordeiro Neto, sendo estas as mais antigas ruas do bairro.

No início da década de 1980, na gestão do prefeito Severino Carolino Sobrinho, que governou o município de Cubati de 1983 a 1988 próximo as duas ruas que haviam naquele local, foi construído o matadouro público municipal (figura 5), o qual não obteve-se a informação precisa do ano da sua construção. Foi ainda neste governo que se tirou o lixo daquela paragem, e levou-se a eletricidade para os seus moradores, pois estes ainda não usufruíam deste benefício e foram construídas algumas casas de tijolos.

Figura 5: Matadouro público municipal na sua inauguração.



Fonte: Família do ex-prefeito Severino Carolino Sobrinho.

Houveram relatos de que este gestor atendia alguns moradores com ajudas de cestas básicas e leite para crianças carentes. Nesta administração foi construído o grupo escolar municipal, o qual tem o nome de Zózimo Pereira Guedes, para atender a população residente. Com o passar do tempo este grupo foi várias vezes reformado e ampliado. Na consequente gestão municipal de 1989 á 1992, na qual governou o município, Janúncio Batista da Costa, têve-se informações de que houveram construções de casas de tijolos para substituir algumas “casas de taipa”.

No mandato seguinte, que foi de 1993-1996, a qual foi dirigida por Ernandes Da Vince Chaves de Lima, constatou-se que houveram algumas construções de casas de tijolos, para repor as “casas de taipa”, também não sendo desconstruídas todas as moradias de taipa que existiam. Depois desta gestão, voltou a governar o município, Janúncio Batista da Costa em um segundo mandato, que foi de 1997-2000, construindo mais casas de tijolos.

Com a realização das eleições municipais no ano 2000, saiu vitorioso no pleito, Josinaldo Vieira da Costa, vindo a governar o município de 2001-2004, este gestor, de acordo com as informações colhidas, fez mudanças significativas para a população residente, no que hoje se conhece por Bairro do Estado. Segundo alguns moradores das duas primeiras ruas, como ainda havia a existência de muitas moradias de “casas de taipa” foi nesta gestão que houve a construção de todas as casas de tijolos para os residentes.

Nesta administração, houve a pavimentação das ruas que haviam naquele local, José Martins de Oliveira e José Cordeiro Neto, as mais antigas, que se formaram próximas ao depósito de lixo. Realizou-se o abastecimento de água nas moradias que não usufruíam deste recurso, pelo sistema da Cagepa, e foi feita uma reforma e melhoramento no matadouro público.

Para a educação infantil, houve a construção da creche. Por trás desta surgiu uma terceira rua que tem por nome Izabel Pereira dos Santos⁴, com apenas oito moradias, estas feitas todas as casas de tijolos. No entanto, esta rua está em frente ao campo de futebol (campo do cruzeiro) e próxima ao rio que passa achegado ao bairro. Este mesmo prefeito foi reeleito para um segundo mandato nas eleições de 2004, assim continuou governando o município de 2005-2008.

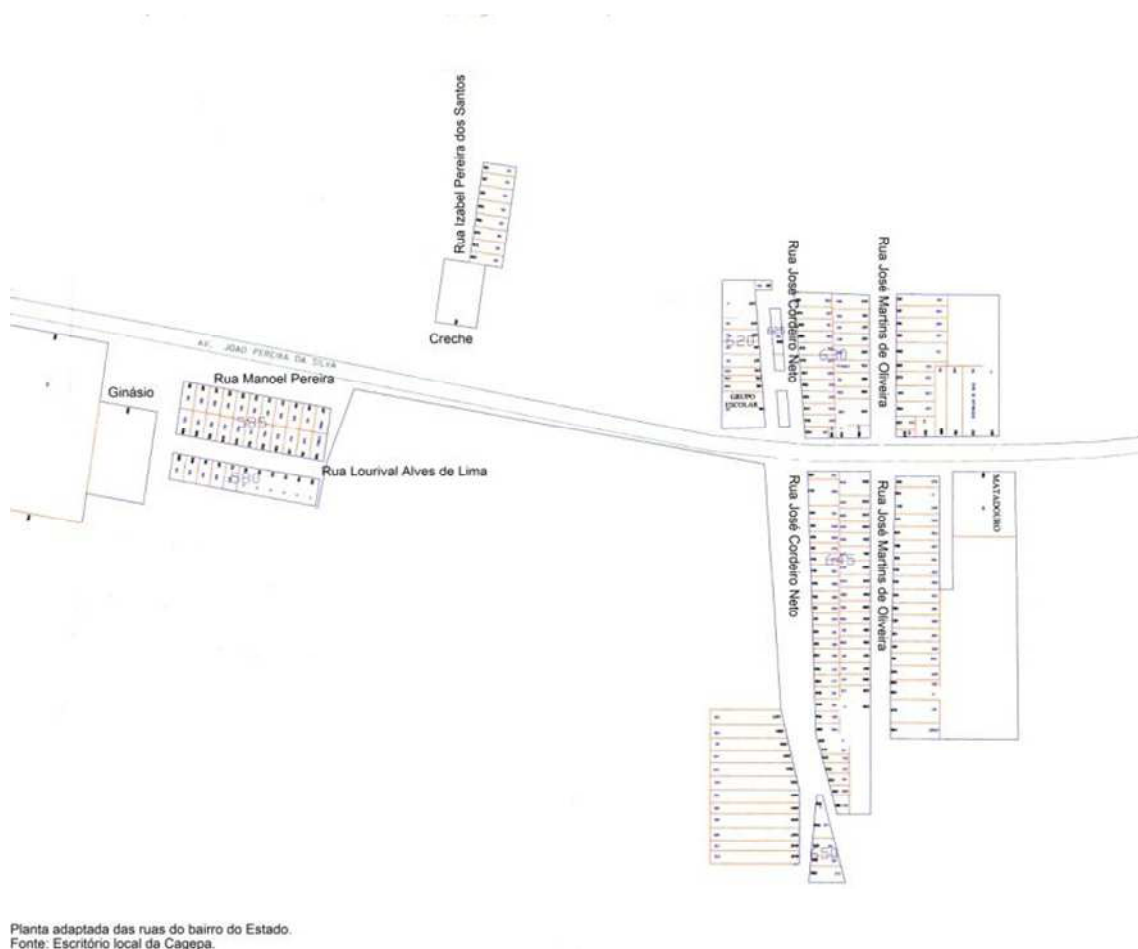
Com as eleições de 2008, foi eleito para o cargo de prefeito, Dimas Pereira da Silva, governando o município de 2009-2012, e foi nesta gestão que houve a construção do ginásio poliesportivo no bairro e que não foi concluído e não é utilizado pelos moradores. Neste

⁴ Segundo o projeto de lei aprovado em 03/12/ 2008, o qual está presente na câmara municipal de vereadores de Cubati, a Sr^a Izabel Pereira dos Santos, nasceu e cresceu nesta cidade.

governo houve a construção de vinte e cinco casas populares que deram origem a duas novas ruas no Bairro do Estado, as quais ganharam os nomes Manoel Pereira da Silva⁵, a qual tem dez casas, e a outra, Lourival Alves de Lima⁶, que tem quinze residências. Estas moradias, no entanto foram invadidas várias vezes pelos moradores até se legalizarem por parte da justiça.

Em 2012, os munícipes mais uma vez escolheram seu administrador com eleições municipais, desta vez saiu vencedor, Eduardo Roniele Guimarães Martins Dantas, para uma gestão de 2013-2016. Entre os anos de 2013 e 2015 foram realizadas algumas mudanças no bairro do Estado, como a colocação de postes na avenida principal, que é a Avenida João Pereira da Silva⁷, a reforma no grupo escolar e está em andamento a construção do Posto de Saúde da Família (PSF). As ruas e os estabelecimentos públicos presentes no bairro do Estado podem ser visualizadas na figura 6.

Figura 6: Planta adaptada do bairro do Estado.



Fonte: Escritório local da Cagepa, adaptado.

⁵ Com os esclarecimentos coletados foi constatado que este homem era morador da cidade e faleceu em 2011.

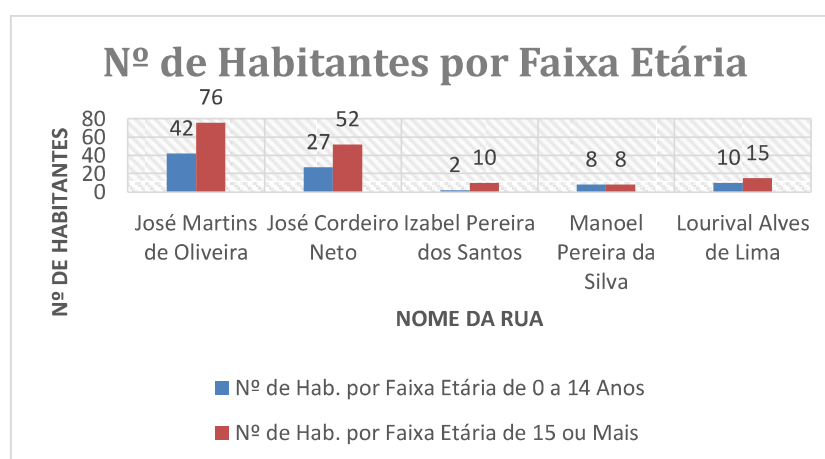
⁶ Este senhor foi eleito para o cargo de vereador diversas vezes no município de Cubati, residia na zona rural no sítio Praia Nova e faleceu em 2011.

⁷ Com informações coletadas este senhor residiu na zona rural do município, no sítio Lajedo Vermelho e posteriormente na cidade, foi agricultor, comerciante e faleceu em 1994.

1.4 CONHECIMENTOS RECENTES RELACIONADOS À POPULAÇÃO DO BAIRRO DO ESTADO

A população do bairro, mais precisamente alusiva ao ano de 2014, encontra-se bastante diversificada e distribuída de forma desigual pelas diversas ruas. O bairro está localizado em uma cidade de pequeno porte e por ser um bairro de pequena dimensão tendo apenas cinco ruas, concentra um baixo número de habitantes. Distribuído etariamente na figura 7.

Figura 7: Habitantes por faixa etária do Bairro do Estado.



Fonte: Cadastro das agentes comunitárias de saúde.

De acordo com os cadastros das agentes comunitárias de saúde que atendem o bairro, a população de 0 a 14 anos está composta em um único item (0 a 14), não havendo uma separação entre crianças e adolescentes. Da mesma forma acontece uma junção da população que tem 15 anos de idade ou mais, estando incluída entre adultos e idosos, não existindo um fracionamento de cada faixa etária fato que pode ser constatado igualmente na tabela 1.

Tabela referente à População do Bairro do Estado em Cubati-PB

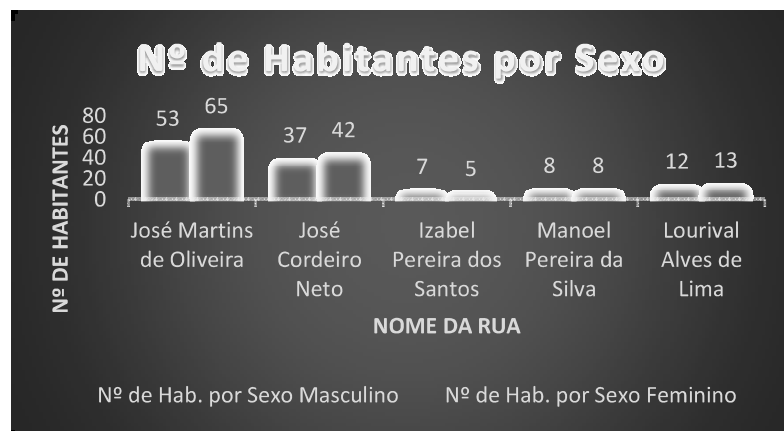
Nome da Rua	Nº de Habitantes por Rua	Nº de Hab. por Sexo		Nº de Hab. por Faixa Etária	
		Masculino	Feminino	De 0 a 14 Anos	De 15 anos ou Mais
José Martins de Oliveira	118	53	65	42	76
José Cordeiro Neto	79	37	42	27	52
Izabel Pereira dos Santos	12	7	5	2	10
Manoel Pereira da Silva	16	8	8	8	8
Lourival Alves de Lima	25	12	13	10	15
Total	250	117	133	89	161

Fonte: Cadastro das agentes comunitárias de saúde, números referentes ao ano de 2014.

Ainda observando-se esta tabela, constata-se que a Rua José Martins de Oliveira, concentra o maior número de habitantes com 118 residentes, seguida pela Rua José Cordeiro Neto com 79 habitantes, as demais ruas detêm uma pequena população, talvez pelo pequeno número de moradias existentes e por serem as ruas mais novas.

No tocante a separação entre a população Masculina e Feminina, vê-se que o sexo feminino é maioria no bairro. Como pode ser constatado na figura 8, a Rua José Martins de Oliveira agrupa o maior número de pessoas do sexo feminino, seguida pela Rua José Cordeiro Neto.

Figura 8: Habitantes por sexo do Bairro do Estado.



Fonte: Cadastro das agentes comunitárias de saúde.

2 PAISAGEM EM GEOGRAFIA

Para compreender as metamorfoses, pelas quais o bairro do Estado passou no percurso do tempo, é fundamental fazer-se uso de uma categoria que está presente na Geografia e faz parte dos estudos espaciais, esta categoria é a Paisagem. Esta num primeiro momento está voltada para o que é visto, isto é percebido por um observador.

Este conceito é bastante abrangente ao passo que pode ser parecido com o de espaço geográfico, todavia a paisagem refere-se ao espaço abarcado pela visão de um determinado observador, é relevante informar que o conceito de paisagem está ligado também às artes plásticas e a representação visual de um espaço (SOUZA, 2013).

A paisagem contém em seu interior uma forte natureza de representação, pode ser tida como uma aparência, uma forma, no entanto no íntimo desta aparência a mensagem comunicada ao observador pode estar em conciliação ou em conflito, dessa forma é fundamental haver certa desconfiança com uma paisagem, sendo primordial interpreta-lá. Esta interpretação deve ser realizada diante das relações às quais se fazem presentes entre a forma e o conteúdo, a aparência e a essência de uma paisagem (SOUZA, 2013).

A paisagem trás à vista o problema das relações entre a sociedade e a natureza, entre o social e o natural, diante disso, o conceito de paisagem tem uma grande importância, pois é uma forma, uma aparência e não pode ser considerada como uma coisa desprezível, a menos que o observador a avalie assim (SOUZA, 2013).

O conceito de paisagem tem uma grande importância ao passo que pode influir na insensibilidade e na forma na qual um determinado observador pode ser socializado, isso quer dizer que a paisagem é capaz de convencer, seduzir quem a observa, isto acontece através da comunicação de uma mensagem mesmo não estando explícita, assim uma paisagem pode comunicar conteúdos bons ou conteúdos ruins (SOUZA, 2013).

É considerável informar que a paisagem não é silenciosa, calada, pelo contrário, uma paisagem tem muito a colaborar, o problema é que muitas vezes a percepção que os seres humanos têm, não conseguem apreender todas as informações transmitidas pela paisagem. Existem várias paisagens as quais são compostas por diversas formas, às vezes duráveis e outras não duráveis, o entendimento acontece pelos objetos naturais e pelos objetos fabricados, ainda pode-se afirmar que a paisagem é o resultado acumulado das práticas de diversas gerações (SANTOS, 2009a).

A paisagem compreende os objetos naturais, os quais nunca receberam a mão do homem, ou seja, nunca passaram pela transformação empreendida pelo ser humano, e os

objetos sociais, estes foram ações do homem no tempo passado e no presente, ao mesmo tempo a paisagem não contém nada de imóvel (SANTOS, 2009a).

Da mesma maneira que o espaço é transformado no percurso do tempo para atender as necessidades da sociedade, assim também acontece com a paisagem, esta se transmuta, amolda-se para atender as precisões da sociedade, contudo, estas mudanças ocorridas na paisagem representam apenas uma parte de um todo, não sendo transmutada toda a paisagem (SANTOS, 2009a).

A paisagem é a reprodução de uma sociedade em diversos momentos, ou mesmo diferentes tempos, a paisagem pode ser apresentada como uma aglomeração de tempos, e é formada pelos itens materiais. O tempo no estudo da paisagem é primordial, porque a sociedade é contemporânea, mas a paisagem é a composição de tempos do passado e do presente. O espaço é total, isto é, compreende o todo, a paisagem diferentemente do espaço, não é total, não abarca uma totalidade, uma vez que o procedimento de produção é seletivo no espaço por parte dos seres humanos, assim a paisagem compreende apenas uma parte do espaço. (SANTOS, 2009a).

Espaço é diferente de paisagem, o espaço é consequente da soma da paisagem com a sociedade, a paisagem é permanente, um momento da sociedade, o espaço é o concreto, este não é parado, tem movimentação, o espaço é decorrente da ação dos indivíduos sobre o próprio espaço. Ainda dentro desta conversação do que venha ser o conceito de paisagem, pode-se assegurar que ela é tudo o qual é olhado, tudo o qual a visão capta, repara, sendo formada por volumes, sons e odores, tendo a dimensão do que chega aos sentidos, aos olhos de um observador, de acordo com o lugar que este esteja a paisagem toma uma proporção diferente (SANTOS, 2012b).

Existem dois tipos de paisagem, a natural e a artificial. A primeira é aquela que nunca foi tocada, não foi mudada pelo homem, isto é, não sofreu as transformações empreendidas pelo ser humano, a artificial é aquela que foi transformada pelo ser humano. A paisagem pode ser descrita como um conjunto diferente, composto por formas naturais e artificiais, as partes destas, seja no tamanho, volume, cor, estão presentes, dessa forma a paisagem é sempre diferenciada, a paisagem não é criada de uma única vez, mas é o resultado de mudanças e adicionais, é uma deixa de diversos momentos (SANTOS, 2012b). +

Além disso, a paisagem é artefato de mudança, não é uma forma dada para um todo continuamente, é uma resolução de somas e diminuições consecutivas, é um serviço morto feito pelo natural e o artificial, é um concomitante de formas diferentes, com idades diversas e partes de períodos de tempo representados pelas variadas maneiras de produção. No que se

refere à idade da paisagem, esta é difícil compreender, porque os objetos antigos são abolidos, a paisagem nasce de um conjugado de condições políticas, econômicas e culturais, a paisagem traz a presença das técnicas as quais foram empregadas (SANTOS, 2012b).

Some-se a isto o fato de que a paisagem é o aglomerado de objetos os quais nosso corpo alcança e identifica, é o contato do corpo das pessoas com o corpo orgânico que é a natureza, é o conjunto das coisas as quais estão dirigidas aos nossos sentidos, sendo a paisagem parcial e não total, ocorrendo em um setor, em um fragmento (SANTOS, 2012b).

Observando-se a paisagem do Bairro do Estado e com as informações cedidas pelos moradores, têm-se uma rica fonte de subsídios para a compreensão do que foi o aproveitamento daquele local no passado, antes mesmo do início da sua ocupação pelos primeiros habitantes.

Naquele local, pelas informações coletadas, existia uma paisagem formada por plantas, isto é, composta pelos objetos naturais, o agave, os quais segundo os moradores mais antigos, era o “campo de agave”. No entanto, tudo leva a crer que este campo de agave foi plantado por um indivíduo que usufruía destas plantas, sendo de certa forma uma paisagem produzida com objetos da natureza.

Depois com o transcurso do tempo à paisagem verde formada pelo que era o “campo de agave”, cede uma de sua parte ao que veio a ser utilizado como o primeiro depósito de lixo formalmente da cidade, formalmente, pois de acordo com os moradores do bairro e os demais entrevistados, a prefeitura o adquiriu para esta utilização.

Assim, vê-se em um primeiro momento as obras do homem na transformação de uma paisagem, ainda que seja apenas uma parte de um determinado local, depois desta ocorrência, próximo ao “campo de agave”, vem fazer parte da paisagem o depósito de lixo da cidade, havendo uma paisagem transformada pelo ser humano.

Com a transcorrência do tempo, uma parte próxima ao depósito de lixo, passa a ser ocupado por moradores carentes, marcados pelo baixo ou mesmo baixíssimo padrão de vida, ou melhor dizendo, pessoas carentes de recursos. Esta ocupação ocorreu com a construção de moradias precárias, conhecidas popularmente de “casas de taipa”.

Com todos estes acontecimentos tinha-se em tempos passados, onde hoje é o bairro do Estado, uma paisagem em que se fazia presente a natureza com seus elementos naturais, o depósito de lixo, e por fim, o homem habitando este local com moradias de “casas de taipa”.

Quando começa a intervenção do poder público, neste caso a prefeitura, vai ocorrendo gradualmente uma mudança nesta paisagem, o depósito de lixo é retirado deste local, o

fornecimento de eletricidade é estabelecido, ocorre a construção de algumas moradias de tijolos, do matadouro público, e por último o grupo escolar.

Com o percurso dos tempos as moradias de “casas de taipa” são todas construídas de tijolos, as duas ruas são pavimentadas, e é feita a construção do asfalto da rodovia PB-167, a qual passa no meio do bairro, apresentando este uma nova fisionomia.

Depois destas realizações, ainda dentro desta interpretação ou entendimento de transformação de uma paisagem, o local recebe a construção de três novas ruas, uma creche e um ginásio poliesportivo, tendo dessa maneira outra expressão no bairro do Estado. Nos dias de hoje a paisagem exibiu-se com as duas ruas mais antigas, pavimentadas, e as três mais recentes não possuindo este benefício. O bairro como um todo é rodeado por terrenos, os quais em tempos de chuvas são usados para agricultura.

A aparência que as duas primeiras ruas tinham nos decênios passados, mostrava-se como um local em que as habitações eram todas elas deficitárias, pois eram construídas de forma rudimentar, grosseiro e até atrasado, pois eram as “casas de taipa”. Atualmente a aparência é de um local o qual a intervenção do poder público foi bastante alta no transcorrer do tempo.

Na essência destas moradias estava uma população carente, dependente muitas vezes da ajuda de instituições e do poder público, pessoas com poucas condições, como foi constatado nas entrevistas realizadas. De modo semelhante, à forma e o conteúdo do bairro do Estado, revelam uma paisagem transformada pelos agentes ao perpassar do tempo, estes agentes em uma primeira fase foram seus próprios moradores e em uma segunda fase a prefeitura do município.

A paisagem natural a qual se fazia presente em decênios passados, onde atualmente está o local em que o bairro do Estado encontra-se, cedeu lugar a uma paisagem artificial, produzida pelo ser humano. Com seus atributos de tempos passados e tempos presentes visíveis claramente a todos que passam pelas ruas, esses atributos, por exemplo, podem ser os estabelecimentos públicos e as moradias semelhantes umas as outras.

O bairro do Estado concentra uma paisagem a qual foi sendo aos poucos criada, alterada, não sendo feita apenas de uma única vez, mas em diversos períodos de tempo. Esses períodos quando esmiuçados, revelam as características econômicas e as técnicas empregadas na produção desta paisagem.

Isso pode ser verificado simplesmente em algumas poucas fotografias cedidas tanto por uma moradora do bairro como pela família de um prefeito que durante sua gestão atuou no local, nestas fotografias existentes, das duas primeiras ruas do bairro, conferem-se as

condições econômicas que os primeiros habitantes tinham, a qual era bastante baixa, fato comprovado também nos depoimentos de alguns moradores mais antigos do bairro.

Unido a isso, estas informações trazem a revelação das técnicas as quais foram empregadas por esses indivíduos no começo da formação do bairro para a construção das habitações, até certo momento essas técnicas eram bastante artesanais, grosseiras, rudes, visto que estes mesmos construíam as moradias tendo como matéria- prima utilizada o barro e a madeira.

De uma visão mais abarcante, pode-se compreender a Paisagem do bairro do Estado, com seus objetos próprios como as casas, as ruas, os estabelecimentos públicos, as pessoas vez ou outras caminhando pelas ruas, outras acomodadas nas frentes das residências (dependendo do horário), as relações de amizade presente entre os vizinhos ou até mesmo apatias, enfim, o bairro com sua vida própria.

Rodeando o bairro tem-se a paisagem da zona rural, com suas cercas de madeira e arame, seus afloramentos rochosos com suas diversas cores junto com o verde às vezes dominante das plantas (dependendo da época do ano), a qual ainda não foi metamorfoseada pelo homem.

2.1 BAIRRO DO ESTADO: DUPLICIDADE DA PAISAGEM URBANA E DA PAISAGEM RURAL

O bairro do Estado diante da localidade em que este se encontra, agrupa duas paisagens, a paisagem urbana voltada para as diversas ruas com suas edificações presentes, e a paisagem rural indicativa a tudo que compete à natureza na sua forma natural, estando esta última ao redor do bairro a qual pertence ao sítio Canoa Velha.

As paisagens urbanas e rurais se diferenciam, algumas diferenças podem ser percebidas com um simples olhar, outras não são captadas, nem visualizadas, no entanto algumas dessemelhanças chegam aos sentidos. À paisagem é apresentada como uma combinação de elementos, formas, cores, sons e sensações, sendo assim a paisagem pode ser visualizada, sentida e ouvida (BAGLI, 2006).

Com isso têm-se três tipos de paisagens, a visível, a sonora, e por último, a sensível. Cada uma desses tipos apresenta diferença em analogia às demais, em uma primeira explicação a paisagem visível combina seu tamanho, sua aparência, sua forma e suas cores, estas combinações caracterizam o espaço o qual ela está, seja este um espaço urbano ou rural. (BAGLI, 2006).

A paisagem urbana se caracteriza por aquilo que está construído sobre o solo, dessa maneira há uma existência de múltiplas formas que podem ser enxergadas nas ruas, casas, avenidas, estas proporcionam diversidade nos tamanhos, nas cores e nos formatos, fica então evidente na paisagem urbana as diferenças de renda muitas vezes aparentes a todos (BAGLI, 2006).

A paisagem visível do Bairro do Estado, a qual foi formando-se gradualmente, expressa dessemelhanças de formas, tamanhos, aparências e cores, nas diferentes ruas que o bairro incorpora, em razão destas ruas terem sido construídas não em um mesmo período de tempo, mas sim em tempos diferentes, existindo uma diversidade na sua paisagem.

O bairro do Estado pode ser interpretado como uma paisagem urbana, este necessariamente está construído sobre o solo, e apresenta diversas ruas, com seus diversos formatos, e suas residências com cores diversificadas, a multiplicidade de formatos e aparências fica clara a todos os que passam pelo local o qual o bairro está.

No que pertence à paisagem rural, esta se evidencia por outros aspectos, como a forte ligação com os elementos naturais, presença de vegetação, cultivo de cereais e a criação de animais, esta está incorporada a natureza em seu estado pouco mudado, as transformações ocorreram em um ritmo mais lento que na paisagem urbana. A paisagem rural também tem seu colorido próprio, porém estas cores são mais simples e homogêneas, neste caso é comum ocorrer à predominância da cor verde, este colorido é então de forma mais similar, ou seja, não acontecem tantas diferenças (BAGLI, 2006).

A exposição destes atributos podem ser apuradas no sítio Canoa Velha, o qual está distante apenas alguns metros do bairro do Estado, e com percurso do tempo o bairro está o adentrando, em alguns momentos não sabe-se ao certo a delimitação entre o que é bairro do Estado ou sítio Canoa Velha.

Um exemplo dessa “confusão” entre o que pertence ao bairro e o que pertence a zona rural é a rua Isabel Pereira, de acordo com seus moradores, nos “papéis de água e energia”, estas moradias pertencem a zona urbana da cidade, formando uma rua do bairro, no entanto, segundo a agente de saúde que atende estes habitantes, estas moradias estão cadastradas como sítio Canoa Velha.

A paisagem rural que rodeia o bairro do Estado apresenta uma vegetação verde, dependendo da época do ano, porque, é vital especificar que esta zona rural está localizada geograficamente no Seridó Oriental do estado da Paraíba e antes disso na região do Semiárido brasileiro, a qual a vegetação é composta pelas plantas xerófitas do bioma Caatinga. Com

isso, em determinadas épocas do ano ocorre o verde, em outras épocas a vegetação se torna cinzenta, branca, em razão da falta de chuva.

À noite as paisagens se diversificam ainda mais, a urbana é iluminada pelas luzes dos postes de iluminação pública, pelos faróis dos automóveis os quais passam pelas ruas, tendo uma amplitude de luzes na paisagem urbana na paisagem rural as luzes são distantes umas das outras, dispersas e sozinhas (BAGLI, 2006).

Estas diferenças das paisagens ao longo da noite podem ser visualizadas na paisagem do bairro do Estado e do sítio Canoa Velha, o bairro como um todo é iluminado pelos postes os quais o poder público instalou para suprir a carência de energia elétrica em tempos passados e pelas luzes presentes nas residências dos moradores. No sítio Canoa Velha as luzes são distantes, dispersas, espalhadas umas das outras.

O segundo tipo de paisagem que não deixa de ser interessante é a sonora, esta consiste nos sons que são ouvidos, na paisagem rural estes sons podem ser claramente escutados como o canto dos pássaros, o barulho das águas, os sons da natureza. Na paisagem urbana acontece uma verdadeira agitação de sons, diante da movimentação e das conversas das pessoas, do barulho das máquinas, do movimento dos veículos automotores, alguns se percebem com mais facilidade, outros são calados. A variação ocorre durante a noite na paisagem urbana, pois os barulhos se aliviam acontecendo uma aproximação com a paisagem sonora rural (BAGLI, 2006).

Essas dessemelhanças de paisagens sonoras podem ser ouvidas e percebidas entre o sítio Canoa Velha e o bairro do Estado, no sítio Canoa Velha tem-se uma paisagem sonora tranquila, com o canto dos passarinhos, o som do vento batendo nas folhas das árvores, não acontece passagem de automóveis, o que ocorre às vezes durante o dia é o passadiço de uma ou outra motocicleta pelas estradas de terras batidas como são próprias da zona rural.

No bairro do Estado vê-se uma alteração na paisagem sonora, nas ruas cortadas pela rodovia, ouvi-se durante o dia a passagens de diversos automóveis, as conversas de caminhantes pelas ruas, os alunos quando entram no grupo escolar no horário das aulas, no sábado e domingo uni-se a isso um ou outro aparelho de som ligado pelas calçadas e o funcionamento de bares presentes no bairro.

No entanto, no período noturno a paisagem sonora do bairro do Estado, se assemelha a paisagem sonora do sítio Canoa Velha, uma vez que a passagem de veículos pela rodovia basicamente cessa, no grupo escolar não acontece aulas e vê-se apenas um ou outro transeunte pelas ruas.

Por fim, vem a paisagem sensível, esta não pode ser vista ou ouvida, mas apenas sentida, sendo abrangida pelas diferenças de uso e ocupação do solo, que se materializam de configuração diferente na paisagem, sejam visíveis ou não. Na urbana tem-se uma modificação na substituição da vegetação pelo que foi edificado, a paisagem rural tem poucas modificações e uma maior presença de vegetação (BAGLI, 2006).

O bairro do Estado na transcorrência dos tempos passou por essas mutações, dado que segundo os moradores entrevistados, o uso do solo para o então “campo de agave” cedeu seu espaço para o primeiro depósito de lixo da cidade, e posteriormente, para os lares dos indivíduos os quais foram habitando aquele local.

Dessa forma, gradativamente houve uma substituição da vegetação presente no solo pelas construções, mesmo que estas fossem no passado feitas de estilo rudimentar. No sítio Canoa Velha estas transformações ou substituições não aconteceram ou ocorreram em escala muito pequena, uma vez que as poucas moradias são distantes umas das outras e construídas de alvenarias pelos seus moradores. Dentro desta abordagem sobre a compreensão e diferenças de paisagens rural e urbana vem uma condição essencial que não pode ficar distante para a correta apreensão destas categorias, esta condição é o tempo.

Nestas paisagens tem-se a presença do tempo lento e do rápido, no urbano as modificações ocorrem a todo instante, em seu processo de formação e transformação, no rural tem-se o tempo lento, as mudanças estão ligadas a natureza, são sentidas em uma pequena escala não deixando de ocorrer, estão presentes, no entanto não sendo tão perceptíveis como as mudanças ocorridas no urbano (BAGLI, 2006).

O tempo é apropriado de duas formas, no urbano tem-se a apropriação, do tempo rápido controlado pelo relógio, um tempo mecânico, o tempo é um movimento, em que se constroem os hábitos dos indivíduos, no rural o tempo está ligado com relação à natureza, as temporalidades se expressam através dos momentos do plantio, da colheita, os horários seguem outras maneiras e se mostram de forma diferente (BAGLI, 2006).

Desse modo, no bairro do Estado e no sítio Canoa Velha, também ocorre uma diferenciação na apropriação do tempo, no bairro, pelo seu caráter urbano, os seus moradores vivem a apropriação do tempo rápido, com seus diversos afazeres durante o dia, como o horário de ir para o trabalho, de levar as crianças para a escola e depois ir buscá-las.

No sítio Canoa Velha tem-se a apreensão do tempo lento, pelo motivo de seus habitantes não terem diariamente a preocupação com a rotina semanal de trabalho, o cumprimento de horários, mas sim com o tratamento de uns poucos animais presentes em algumas propriedades, e o cuidado com o abastecimento de água potável, porque nesta zona

rural não existe o serviço de água encanada. Perante os argumentos expostos vê-se que neste local ocorre a junção, à duplicidade de uma paisagem urbana e de uma paisagem rural cada uma com seus atributos distinguíveis de maneira simples um do outro.

2.2 O BAIRRO DO ESTADO COMO UMA PAISAGEM PERIURBANA

Para que o bairro do Estado possa ser entendido em sua aparência, é proeminente a utilização e uma ligeira elucidação das categorias que no tempo contemporâneo são importantes para o conhecimento geográfico e interessa aos estudos urbanos, as quais são cidade e campo, urbano e rural. Iniciando-se pelas duas primeiras que são cidade e campo, estas podem ser diferenciadas de acordo com vários requisitos, como a concentração demográfica, a diferenciação social, a unidade espacial e as descontinuidades territoriais.

A concentração demográfica, ou seja, a concentração de população é tomada com frequência como atributo das cidades em relação ao campo, sendo o atributo mais usual, este compreende não só o aglomerado de pessoas, mas também de obras, de infraestrutura, de equipamentos e de edificações. Nesta condição a diferença entre os espaços é o que os determina, no entanto este requisito não é a solução, uma vez que no Brasil observa-se uma grande diversidade regional e de urbanização (SPOSITO, 2006).

Outra característica usada para a separação entre a cidade e o campo é a diferenciação social, esta vem acompanhada da divisão social e territorial do trabalho, no que cabe a cidade e ao campo vê-se que existe uma divisão territorial do trabalho, divisão técnica e divisão econômica.

Na cidade acontece a realização dos afazeres que necessitam do encontro, da proximidade ou possibilidade de comunicação, especialização e complementaridade de papéis e funções, no campo tem-se uma extensão e dispersão atendendo técnica e economicamente o desenvolvimento de outras atividades. Um terceiro predicado utilizado na diferenciação entre a cidade e o campo é a da unidade espacial, nesta tem-se expressas os tecidos urbanos contínuos e na maioria das vezes separados dos territórios de uso rural por muros, esse atributo está historicamente associado à antiguidade (SPOSITO, 2006).

Quanto à diferenciação da cidade e do campo com suporte nas descontinuidades territoriais, esta ocorreu pelo fato de que no século XX prevaleceu o alargamento da extensão territorial, provocando uma alteração das morfologias urbanas, tornando difícil caracterizar a cidade e o campo. A área de transição do que se afirma como cidade e do que se afirma como

campo se ampliou consideravelmente gerando uma dificuldade de distinção entre os espaços urbanos e os espaços rurais (SPOSITO, 2006).

Em continuidade, as próximas categorias para uma abreviada explicação são o urbano e o rural, este debate é ressaltante para os estudos realizados em pequenas cidades, uma vez que os limites entre esses dois atributos são procurados nestas localidades. Em países como o Brasil, o vocábulo urbano é voltado para quem reside em lugares com certa administração, como as sedes municipais, para a definição de uma cidade o critério demográfico é muito utilizado, o espaço rural é dessa forma o contrário, o urbano revela-se por essa regra como uma aglomeração de pessoas (ENDLICH, 2006).

De acordo com o raciocínio da densidade demográfica em que o urbano e o rural são caracterizados pelo número ou total de habitantes por quilômetro quadrado, esse preceito apresenta alguns proveitos em razão de ser fácil operacionalizado e compreendido, dado que as áreas rurais são menos povoadas que as áreas urbanas e é uma regra neutra não voltada para questões de pobreza. Contudo, este discernimento não é o mais correto uma vez que a distribuição da população na cidade não é feita de forma idêntica (ENDLICH, 2006).

Pelo método das atividades econômicas as quais são executadas pelas pessoas, o rural está ligado às atividades primárias, e o urbano reúne pessoas envolvidas nas atividades secundárias e terciárias, no entanto esta regra tem ganho muita contestação, pois o rural atualmente também desempenha muitas atividades além das primárias (ENDLICH, 2006).

Ainda dentro da bibliografia, mas referente ao modo de vida, encontra-se que a vida rural é associada a uma ampla valorização da comunidade, valores da vida da família, e a religião tem um desempenho extraordinário, diferente da vida urbana a qual a principal especialidade é juntar as pessoas a partir da sua profissão, muito mais que a família ou religião (BERNARDELLI, 2006).

Nesta interpretação do modo de vida, a rural no uso do tempo guarda uma enorme afinidade com a natureza, do que o modo de vida urbano, uma vez que a separação do espaço de vida e trabalho é grande no urbano, neste o tempo e o espaço se repartem, em comparação com o modo de vida no espaço rural (BERNARDELLI, 2006).

Diante destes predicados demonstrados vê-se que o debate sobre a cidade e o campo, o urbano e o rural, é bastante presente em Geografia e ao mesmo tempo emaranhado, em razão de não existir um requisito, uma metodologia, ou critério que diversifique corretamente um do outro, dessa forma tentou-se fazer uma aproximação destes conceitos.

Pelo que foi exposto a cidade de Cubati pode ser entendida como um aglomerado de pessoas e de infraestrutura dado que, esta contém uma população residindo na cidade e ao

mesmo tempo possui inúmeras construções edificadas ao longo do tempo para suprir as necessidades de seus moradores.

No aspecto da diferenciação social, na cidade acontece a presença de atividades que necessitam de encontros ou proximidade entre as pessoas, como o comércio existente, e as diversas profissões exercidas pelos moradores, unido a isso vem o ligamento do que foi e encontrar-se sendo edificado na cidade compondo as diversas ruas e alamedas.

A cidade de Cubati, localizada no interior do estado da Paraíba, como muitas outras cidades detém um pequeno porte ou mesmo um pequeno tamanho, diante disso em alguns momentos fica difícil fazer uma divisão geográfica dentro da cidade, ou seja, uma divisão de bairros, uma vez que é comum nas pequenas cidades todas as ruas fazerem parte do “Centro”.

No entanto, o que no tempo corrente se conhece como “bairro do Estado”, ou de acordo com alguns moradores, “Rua do Estado”, desde o seu início formou-se distante do centro da cidade, no começo em decênios passados próximo ao primeiro depósito de lixo, em razão da prefeitura, isto é, o poder público local ter adquirido o terreno para esta função.

Assim sendo, o que hoje se aceita como o bairro do Estado está distante do centro da cidade, a “delimitação” ou divisória do bairro do Estado, pode-se dizer, acontece pela presença do rio que separa o bairro da área central da cidade, diante disso sobrevém certa “separação” ainda que pequena do centro com este bairro.

A pequena separação entre o centro da cidade e o bairro do Estado sucede e é aparente até aos que chegam à cidade pela rodovia a qual corta o bairro, entretanto a separação, delimitação ou demarcação entre o bairro do Estado e o sítio Canoa Velha se expressa de forma irregular ou mesmo não existe, havendo um conflito, um desacordo entre o que é bairro e o que é zona rural.

Com as intervenções do poder público, esta “delimitação”, separação, ou demarcação entre o que pertence ao bairro e o que pertence ao sítio, ficou ainda mais complicada, dado que a prefeitura com as diversas construções de ruas e estabelecimentos públicos foi penetrando para o sítio Canoa Velha, diante disso, nesta extremidade, margem, ou “beira” da cidade, acontece uma incerteza entre o bairro e o sítio.

Nas bordas da cidade acontece assim uma faixa de transição entre dois usos da terra, um uso tipicamente urbano e outro tipicamente rural, essa faixa de transição é denominada pelos geógrafos anglo-saxões de franja rural-urbana. Entre os geógrafos franceses isso foi denominado de espaço periurbano, no Brasil, as duas expressões ou esclarecimentos, franja rural-urbana ou espaço periurbano são utilizadas pelos estudiosos (SOUZA, 2003).

Dessa forma, tem-se nesta faixa de transição a mistura de duas lógicas, ou princípios os quais incidem em, o uso da terra para a lógica rural e o uso da terra para a lógica urbana, no sentido rural a terra passa a ser usada, aproveitada para agricultura e a pecuária, o solo neste caso tem diferenças em valor e em produtividade (SOUZA, 2003).

A lógica, ou melhor, o sentido, o fundamento do solo para a utilidade, o consumo urbano está voltado apenas como o solo sendo uma base, um sustentáculo, para atividades que não dependem, isto é, não estão ligadas à sua produtividade e fertilidade, como a produção industrial e a atividade terciária (SOUZA, 2003).

Diante disso é comum ocorrer na franja rural-urbana uma verdadeira confusão, já que o visível no espaço, ou seja, à paisagem, permanecem com o aspecto rural, com plantações, cultivos, espaços para pastagens de animais, quando o uso do solo urbano vai aproximando-se (SOUZA, 2003).

Na “beira” ou margem da cidade de Cubati, a qual está centrado o bairro do Estado, vê-se a presença dos dois sentidos ou fundamentos, os quais são o uso da terra para as atividades rurais e o uso da terra para as atividades urbanas. Nas atividades rurais, tem-se bem próximo, ou em alguns momentos, dentro do bairro do Estado, terrenos usados para plantações em períodos de chuvas, ou como dizem os moradores, o “tempo do inverno”, aliado a isso advém a passagem do córrego que separa o bairro do centro da cidade, dando este ainda mais uma feição, uma aparência rural distante apenas alguns metros do bairro.

Ainda abordando-se a respeito da passagem deste rio adjunto ao bairro, mesmo diante de uma longa estiagem que a região Nordeste vive atualmente, as várzeas deste rio são tomadas pelo crescimento da vegetação, talvez devido à água presentes nos esgotos que correm dentro do rio (figura 9). Em alguns terrenos dentro do bairro, o nascimento e o desenvolvimento do mato se tornam concretos, ainda achegados, ou mesmo dentro do bairro, existe a criação de alguns poucos animais, sendo estes de tamanho pequeno como ovelhas e porcos.

Desse modo, verificam-se os aspectos da lógica rural, encontrados dentro do bairro do Estado, a qual é conseguida pela existência de elementos, ou atributos próprios do meio rural, como o crescimento de vegetação, a criação de animais, e por último, a passagem do rio perto das habitações, sendo a passagem, ou seja, o caminho feito pelo rio encontrado de configuração bastante simples.

Figura 9: Parte do rio que passa próximo às ruas do bairro do Estado.



Fonte: Pesquisa de campo

Na lógica urbana, o uso da terra no bairro do Estado incide basicamente no solo como suporte para a construção de moradias para os indivíduos, sendo esta uma atividade que não depende da fertilidade do solo, uma atividade terciária, a qual a preocupação maior foi com a construção das residências.

Estas residências formaram as três ruas mais recentes, junto a isso veio a edificação de estabelecimentos públicos como a creche, o ginásio, e está em andamento a construção do posto de saúde da família, ocorrendo a entrada do bairro para o sítio Canoa Velha. Ainda dentro desta fundamentação, estas habitações edificadas pelo poder público, são abastecidas pelos serviços de água encanada, energia elétrica e coleta do lixo, este último realizado pela prefeitura, três vezes durante a semana.

No local as quais essas ruas e estes estabelecimentos públicos se constituíram anteriormente vinha o uso e o fundamento rural, pois a parte na qual foi construída as Ruas Manoel Pereira, Lourival Alves e o ginásio, pertencia ao sítio Canoa Velha, a outra parte onde está a Rua Isabel Pereira e a creche, pertencia ao bairro, mas era ocupado apenas por mato, era um terreno baldio. Todavia, é importante salientar que no sítio Canoa Velha, o qual em alguns momentos confundisse com o bairro, não se encontrarão estes benefícios, tem-se apenas o fornecimento de energia elétrica, mas não de água encanada e coleta do lixo.

Diante destas atuações ocorridas no bairro do Estado, pode-se afirmar que o processo de urbanização se amplia com muita rapidez, dessa forma bairros distantes são construídos abancando espaços tipicamente rurais, espaços que são incorporados à lógica urbana, mas permanecem com sua dinâmica rural, em linguagem figurada pode-se dizer que o urbano engole os espaços rurais (BAGLI, 2006).

O rural se faz presente não apenas na paisagem, mas também em atividades materializadas, os espaços conservam características e hábitos rurais que se unem a hábitos da vida urbana, assim sendo, os espaços que eram rurais, fragmentam-se originando um espaço com múltiplas formas e funções, o urbano se expande sobre o rural, trazendo para seu interior espaços rurais (BAGLI, 2006).

Esta expansão pode ser averiguada, constatada no bairro do Estado, este com o percurso do tempo foi “invadindo” espaços usados tipicamente para funções rurais. Mesmo com esta expansão, ainda assim o bairro concentra atividades rurais com plantações e o pastoreio de animais, dessa forma tem-se de um lado a imagem e a presença do rural e do outro a imagem e a presença do urbano no bairro do Estado.

Com todos os conhecimentos coletados com as pessoas que conheceram o local pôde-se chegar à conclusão de que a paisagem, a aparência do bairro foi com o processar-se dos tempos sendo transformada, primeiro tinha-se um local utilizado para o plantio de agave ou popularmente afirmado pelos moradores, um “campo de agave”. Depois, este campo de agave vai aos poucos cedendo uma parte do local para o uso como depósito de lixo, e por fim, próximo a isso para as moradias que formaram as duas primeiras ruas do que hoje é o bairro, feitas de forma primitiva, conhecidas como “casas de taipa”, como pôde ser verificado em algumas fotografias observadas.

Foi averiguado que a paisagem antiga do que hoje é o bairro do Estado mostrava-se com as residências das duas primeiras ruas feitas de estilo artesanal, sendo aos poucos transformada pela intervenção do poder público, no qual este construiu as residências não de uma única vez, mas gradualmente, unido a isso esta paisagem vai ganhando também de forma devagar os prédios para utilização pública.

Diante da pesquisa bibliográfica e dos conhecimentos empiricamente admitidos, neste local fica evidente a duplicidade de uma paisagem urbana e de uma rural, a urbana formada pelas diversas ruas presentes e a rural rodeando estas ruas, e em alguns pontos confrontando-se, em decorrência do bairro está penetrando o sítio Canoa Velha. Cada uma destas paisagens podem ser constatadas e diferenciadas no bairro do Estado, tanto a urbana com as distintas ruas e o colorido das moradias, como a rural com a dispersão das residências, a presença de vegetação e afloramentos rochosos.

Com o cumprimento da pesquisa e as múltiplas observações feitas no bairro do Estado, foi possível constatar que neste local, ainda que de uma pequena cidade, ou cidade de pequeno porte, nesta “beirada”, nesta borda sucede uma franja rural-urbana, com o uso da

terra para a construção de moradias, e adjunto a isso, o uso da terra para práticas rurais como o apascento de animais e crescimento do mato.

Pode-se aferir que nesta borda da cidade de Cubati tem-se um bairro com sua própria história, com o seu nascimento em décadas passadas, seus primeiros habitantes e as modificações feitas ao longo do tempo pelos residentes e pelo poder público municipal, unido a isso, o urbano e o rural se fazem presentes um ao lado do outro e em alguns pontos se divergem.

3 ESPAÇO EM GEOGRAFIA

Se verificar-se o significado da palavra espaço em um dos muitos dicionários que a Língua Portuguesa dispõe, encontrar-se-ão vários entendimentos ou definições, tais como o espaço sendo uma distância entre dois pontos, uma extensão delimitada, o universo, um intervalo de tempo e até uma ocasião ou oportunidade (BECHARA, 2009).

Entretanto, em Geografia, a palavra Espaço refere-se a soma dos resultados da intervenção humana sobre a superfície terrestre, este é formado pelo espaço que é construído e pelo espaço não construído, e ainda tem-se a palavra espaço como sendo a habitação do homem (SANTOS, 2009a).

Apesar de o espaço ser habitado pelo homem, este transforma o espaço construído com o avanço das técnicas e ciências tornando-se um produto, o espaço com isso passa a ser usado pelo sistema capitalista, que ao mesmo tempo separa as pessoas entre as classes no espaço habitado. O espaço é tanto a forma física, como o espaço social, este é manipulado e as diferenças se apresentam, sendo isto mais aparente nas cidades (SANTOS, 2009a).

Esta separação existente no espaço físico, deixa clara outro tipo de apartação, esta acontece através da distância social, ao passo que as pessoas habitam o mesmo espaço, estas se encontram distanciadas umas das outras, ficando nítida a fragmentação, pois o espaço é a forma sólida o qual recebeu o trabalho do homem, e suas marcas ao longo do tempo (SANTOS, 2009a).

Diante das formas de acumulação de práticas realizadas pelos seres humanos, os quais alegam o espaço, e que foram realizadas no passado e no presente, o espaço se verifica de forma dividida ou mesmo fracionada, o espaço passa constantemente por uma alteração para ficar junto, seguir as metamorfoses da sociedade, a configuração espacial é transformada para abastecer as necessidades recentes (SANTOS, 2009a).

O espaço que foi arquitetado, construído, assim é variado, ou seja, diferente, uma vez que as épocas, os períodos de sua construção, as idades foram concretizadas em tempos distintos, para utilidades diversas, e precisão por parte do homem também diferente, daí vem a importância do tempo para a compreensão das formas espaciais, pois o espaço é formado pelo que foi feito no passado e no presente.

O corpo social está dentro desses processos, com isso a inevitabilidade para ocupar um espaço, faz com que o ser humano habite-o de forma diferente, essa necessidade é resultante de procedimentos estigmatizados por uma separação ou apuração histórica e geográfica.

Assim sendo, a cada época a substância presente no espaço altera-se perante as solicitações do ser humano (SANTOS, 2009a).

Além disso, as formas geográficas vêm acompanhadas de um desempenho e é o fruto das necessidades do homem habitante do espaço, estas formas foram feitas com a realização de processos distintos e em tempos diferentes, nestes processos a força, a potência do ser humano, em determinado instante a transformou em um formato indo do mais compreensível local até o mundial (SANTOS, 2009a).

O modo capitalista ou sistema capitalista, cria uma forma do espaço na distribuição de infraestruturas, das máquinas, dos homens com estilo de demora ou mesmo conservação, com isso a organização espacial se mantém ao longo do tempo para favorecer o crescimento capitalista e seus efeitos na sociedade.

O espaço é usado muitas vezes para ser um transporte para o capital e uma ferramenta para a confirmação das desigualdades sociais presentes na coletividade, no tempo hodierno o espaço é acertado feito de maneira conveniente e administrado segundo preceitos mundiais (SANTOS, 2009a).

O espaço aparece de forma despedaçada, tornando-se semelhante ao mercado, pois os dois através do trabalho dos sujeitos que estão presentes esculpem, dão forma à sociedade e se tornam recintos de disparidades. O espaço, equivalente ao mercado, passa a ser alucinado, cego, não dando importância para os valores do homem (SANTOS, 2012).

O espaço é único e coletivo, não obstante ele movimenta-se de acordo com as classes existentes, o espaço é o maior conjunto dos objetos que tem vivência, ele incorpora o que tem idades distintas, o espaço agrupa sem o domínio de separarem-se os objetos que são fixos, e aquilo que é fluxo (SANTOS, 2012).

Pode-se afirmar que o espaço também se globaliza, mas quem se globaliza não é propriamente o espaço, são os sujeitos que o habitam, havendo um espaço globalizado, da mesma maneira que os lugares também se globalizam, o espaço se moderniza ao longo do tempo. O tempo equivale ao decurso, à sequência dos acontecimentos, o espaço é o meio, o lugar material onde ocorrem estes acontecimentos (SANTOS, 2008a).

O espaço pode ser entendido como uma existência memorável e como uma base material, no qual os acontecimentos da sociedade se materializam com o decorrer do tempo, com isso o espaço tem várias formas pelas diferentes ações empreendidas pelos seres humanos, estas ações deixam diversas aparências, diversos feitos (SANTOS, 2008a).

Para a compreensão do espaço é interessante esclarecer que as instituições e os indivíduos convivem unidos em um mesmo espaço, no entanto os tempos são compreendidos

de modo diferente, não acontecendo uma prática simultânea do mesmo tempo, essas diferenças de uso do tempo podem ser denominadas de temporalidades (SANTOS, 2008a).

De maneira geral pode-se considerar o espaço como uma reunião do que é fixo e do que é fluxo, os fixos são os quais se encontram retidos ao solo, os fluxos são diversos, mais acelerados, o espaço ainda pode ser entendido como um conjunto de relações de produção e relações sociais.

E por último, mas não desmerecendo os outros aspectos, o espaço pode ser um sistema de objetos e sistema de ações, os sistemas de objetos são os fabricados, o que é técnico, mecanizado, o sistema de ações é esclarecido da maneira que estas se realizam com o meio técnico, as ações são os resultados do agir do ser humano com as técnicas (SANTOS, 2008a).

Assim a palavra, ou vocábulo “espaço”, pode ter múltiplas interpretações, no entanto quando se menciona ao espaço em Geografia, este ganha uma conotação da habitação do ser humano, e que teve a sua intervenção ao longo do tempo, criando formas diferentes com idades desiguais, o espaço também serve como veículo para o capital, os mais pobres são marginalizados prevalecendo visivelmente a desigualdade social.

Em Geografia, o espaço é o material, o local em que os vários sistemas se fazem presentes com suas diferentes técnicas, e diferentes usos, o ser humano anima, dá vida ao espaço transformando-o no decorrer dos períodos, no tempo corrente o espaço encontra-se globalizado, marcado por técnicas diversas.

Ainda dentro da compreensão espacial, torna-se interessante explicar outros conceitos ou princípios que se fazem presente quando se menciona a categoria espaço em Geografia, estes princípios são o espaço geográfico, o espaço social a organização espacial, e por último, a produção do espaço.

O espaço geográfico, superficialmente pode ser entendido como o espaço da superfície terrestre, no entanto não enquadra-se apenas a isto, de forma parecida com o espaço social, que num primeiro instante pode ser aclarado como o espaço apropriado, transformado e produzido pela sociedade, porém não consiste somente a isso indo além desta definição (SOUZA, 2013).

O espaço geográfico é formado tanto pela primeira natureza, como pela segunda natureza, a palavra natureza é entendida como o caráter, o feitio, as características referentes a algo. Praticamente a primeira natureza é compreendida segundo os processos e ambientes do que é natural, ou pode-se dizer de uma camada natural, o conceito de segunda natureza é considerado de acordo com a materialidade, a qual foi transformada pela sociedade, e ainda compreende os espaços simbólicos e as projeções espaciais do poder (SOUZA, 2013).

Portanto, espaço geográfico tem o social como sua principal característica, o que é enfatizado são as forças presentes nas relações sociais, sem desmerecer as forças naturais. O espaço social é no começo algo material, concreto que pode ser tocado, por exemplo, as casas, as ruas, os objetos geográficos de modo geral (SOUZA, 2013).

Nessa linha de pesquisa que é a espacial, pode-se dizer que existem duas camadas, ou conjuntos, o formado pelo espaço geográfico, o qual abarca uma dimensão mais ampla, e o formado pelo espaço social, o qual compreende uma dimensão mais específica ou central (SOUZA, 2013).

Elucidado o que é o espaço geográfico e o espaço social, entra em cena outro conceito relevante no estudo do espaço, a qual é a formulação de organização espacial. Primeiro é essencial informar que esta é proveniente, resultante de espaço social, e compreende a divisão espacial do trabalho, e a distribuição das infraestruturas técnicas e sociais (SOUZA, 2013).

Todavia, limitar a organização espacial apenas aos objetos criados pelo homem é de certa maneira uma contenção e uma arruinação para esta formulação, assim devem-se levar em consideração os objetos, criados pelo homem e as formas espaciais que não foram criadas pelo homem, ainda que no futuro estas possam ser metamorfoseadas pela sociedade. Sendo assim, a organização espacial está em constante mudança, em alguns períodos mais rapidamente, em outros mais lentamente (SOUZA, 2013).

Por fim, vem a definição de produção do espaço, este conceito também é procedente do espaço social, e refere-se ao que é produzido materialmente e a produção do que é simbólico e de relações de poder, contudo este é um conceito extenso e que abarca muitas dimensões (SOUZA, 2013).

A produção do espaço como descrito por Corrêa (2012, p. 43): “É consequência da ação dos agentes sociais concretos, históricos, dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias, portadores de contradições e geradores de conflitos entre eles mesmos e com outros segmentos da sociedade”.

Com a ação destes agentes, o espaço é produzido com as suas materialidades, como campos cultivados, ruas, avenidas, mas é onde ocorrem muitos significados, como os relacionados às classes sociais e a renda, o estado em sua forma capitalista desempenha inúmeros papéis na produção do espaço, desta atuação tem-se os níveis econômico, político e social (CORRÊA, 2012).

O nível econômico está voltado para a necessidade de reprodução do capital, assim o espaço torna-se infraestrutura, mercado de trabalho, matéria-prima, para a reprodução do econômico. O nível político significa a realidade de um território definido pela intervenção do

estado através do poder local, o nível social é o mais importante, está direcionado para as relações sociais que se realizam em um determinado lugar (CARLOS, 2011).

A produção do espaço na via econômica ocorre em direção à busca do lucro, no plano político esta produção acontece sobre o planejamento, o espaço se torna instrumentalizado e normatizado, no nível social o espaço é onde ocorre a vida e seus embates. É proeminente esclarecer que o nível político e o social se confrontam com as demandas da vida cotidiana, a qual se concretiza no plano do lugar (CARLOS, 2011).

Na produção do espaço, a natureza se transforma ao longo do tempo através da ação do ser humano, este por sua vez constrói um mundo humano no qual se realizam as relações sociais, o espaço é um produto do que os homens criaram em determinados períodos, a natureza é assim uma natureza social. O espaço é onde estão localizadas as atividades, e acontecem as relações sociais, finalmente, torna-se um produto social, o qual nenhum sujeito conseguiria viver sem um espaço apropriado (CARLOS, 2011).

A maneira que o ser humano aproveita-se do espaço realiza-se em dois planos o individual e o coletivo, o projeto individual é o ato de habitar, o coletivo é onde se realiza a sociedade, de forma geral o espaço é a produção daquilo que o ser humano pôde criar. As atividades empreendidas pelo ser humano são diferentes, criando com isso a morfologia do espaço (CARLOS, 2011).

Em vista dos argumentos apresentados vê-se que a expressão produção do espaço é bastante extensa, e engloba numerosos atributos, esta produção ocorre diante das alterações dentro do espaço, sendo os diversos agentes os produtores, na qual a primeira natureza é modificada se tornando a segunda natureza, a natureza social. A palavra natureza aqui é entendida como sendo as características, o feitio do que foi alterado.

Por essas ideias apresentadas vê-se que dentro da concepção de espaço existem diversos princípios ou conceitos, os quais estão juntos e são consideráveis na pesquisa social, ou nas pesquisas voltadas para o caráter físico. Cada um destes conceitos têm a sua particularidade, mas ao mesmo tempo encontram-se implantados na categoria espacial, e indispensáveis para a compreensão do que é acatado como espaço dentro da ciência geográfica.

3.1 A CIDADE, O ESPAÇO URBANO E O BAIRRO: UMA MOMENTÂNEA EXPLANAÇÃO

A urbanização nos países subdesenvolvidos ocorreu de forma recente e acelerada, tanto no âmbito econômico como no político, realizando-se de forma diferente dos países desenvolvidos, a urbanização nos países subdesenvolvidos tem características que a diferenciam do grupo desenvolvido.

Nos países subdesenvolvidos não houve uma passagem da população do setor primário para o secundário, e depois terciário, a urbanização foi de forma diferente e com seu interior diferente, foi de forma terciária, mesmo no Brasil que conhecia antes da segunda guerra mundial certa urbanização (SANTOS, 2008b).

A população urbana cresce de forma rápida nos países subdesenvolvidos, devido o recebimento de pessoas para a cidade diante do grande êxodo rural, que é uma característica dos países subdesenvolvidos, enquanto a população não urbana cresce devido o número de nascimentos serem maior do que os óbitos (SANTOS, 2008b).

Nas cidades ficam claras as diferenças de rendas, por parte da população que nela habita, a maioria tem um baixo nível de vida e uma minoria detém um alto poder aquisitivo. A população de baixa renda vive de atividades inseguras e o desemprego é um fator comum, nos países subdesenvolvidos a disparidade de renda é saliente, o formato urbano é a realidade econômica e social evidente (SANTOS, 2008).

A cidade apresenta-se como o concreto, o construído, e ao mesmo tempo como uma constituição viva, contendo o passado compacto, seja este passado recente ou antigo, e o que não é compacto, como as pessoas e os produtos. (SANTOS, 2008b).

Na demografia, a revolução urbana nos países subdesenvolvidos foi caracterizada por uma taxa de mortalidade infantil pequena e por elevadas taxas de natalidade, uma evolução natural com força e um potente êxodo rural, junto a isso veio o forte beneficiamento dos países subdesenvolvidos pelos programas médicos e sanitários. A expectativa de vida também teve um aumento considerável nos países subdesenvolvidos do que nos desenvolvidos, inclusive nas cidades. (SANTOS, 2010).

Os progressos da medicina chegaram aos países subdesenvolvidos pela facilidade de comunicação ocorrida depois da revolução industrial e dos transportes, com isso houve um aumento acelerado e significativo da população, aumento menor do que foi registrado nos países desenvolvidos (SANTOS, 2010).

Quanto às atividades urbanas exercidas nas cidades dos países subdesenvolvidos, estas são voltadas para atividades artesanais, comerciais e agrícolas, o comércio é voltado para

exportação de matéria-prima e importação de bens manufaturados (SANTOS, 2010). A urbanização no Brasil foi feita de uma maneira galopante e concentradora, vinda acompanhada por uma vasta sequência de desruralização, migrações e expansão do consumo das massas (SANTOS, 2012).

Ao longo de sua história, o Brasil foi essencialmente um país agrário, apenas no século XVIII, que a urbanização evolui, no entanto foi necessário mais um período, o século XIX para que a urbanização atingisse seu amadurecimento, e outro século, o XX, para ter os atributos atuais. Em quatro décadas (1940-1980), a população passa habitar na cidade, tornando-se esta o lugar de moradia, a população urbana aumenta sete vezes e meia neste período, e triplica a população do Brasil (SANTOS, 2009b).

No fim do século XVIII, e com mais força o século XIX, acontece a mecanização do território, dá-se a criação do meio técnico-científico-informacional, meio marcado pela presença da ciência, da técnica e da informação, sendo a informação a matriz principal, depois da segunda guerra mundial a integração do território brasileiro se torna acessível (SANTOS, 2009b).

Foi neste tempo que vigorou até o final do decênio de 1960 que o Brasil passou por um grande desenvolvimento, em 1964 a instauração do regime militar contribui para este adiantamento, foram construídas rodovias e estradas ligando o território, o país passou a ser um grande exportador de produtos agrícolas e industrializados e vem junto a isso a internacionalização do Brasil (SANTOS, 2009b).

No país ver-se o episódio da concepção de espaços inteligentes e espaços opacos, os espaços inteligentes são os quais está presente um grande teor do saber científico nas sociedades, os espaços opacos são aqueles onde não existe o saber científico, e são desprovidos dessa qualidade, a criação destes espaços é resultante da expansão do meio técnico-científico pelo território (SANTOS, 2009b).

Estes espaços são diferentes quanto a sua composição na ação política, econômica, demográfica e cultural, o país urbano é o qual o meio técnico-científico está presente, assim o procedimento de urbanização é mais potente. Com o alargamento do meio técnico-científico-informacional no território brasileiro, ocorre uma nova urbanização, em que aumenta o trabalho intelectual, a população torna-se mais instruída, aumenta-se o consumo, e cresce o número de trabalhadores rurais residentes na cidade. (SANTOS, 2009b).

Apesar disso existia uma grande diversidade de urbanização e regional no Brasil, em 1980 a região Sudeste era a mais urbanizada, ao passo que a Nordeste estava aquém deste acontecimento, sendo a região menos urbanizada, pois detinha alguns fatores que tornavam

este fenômeno difícil, como a estrutura fundiária adversa a distribuição de renda e ao aumento do consumo (SANTOS, 2009b).

O processo de urbanização o qual o Brasil apresentou, encontrou resistência na região Nordeste, por ir de encontro a elementos do passado que se mantinham presentes na sociedade, existindo um atraso no desenvolvimento, por isso a dinâmica da urbanização foi menor na região Nordeste, quando comparada ao restante do país (SANTOS, 2009b).

No final do século XX, o Brasil apresentava o projeto de uma acelerada ocorrência de urbanização, a região Sudeste sendo a mais urbanizada e a Nordeste permanecendo a menos urbanizada, no entanto com o decorrer do tempo e a expansão do meio técnico-científico-informacional, as barreiras que o Nordeste apresenta tende a serem superadas (SANTOS, 2009b).

O país do final do século XX está em crescimento, em que o meio técnico-científico está presente e estende-se por todo o território, a urbanização progressiva vem acompanhada do desemprego, subemprego ou o emprego mal remunerado, e as cidades se tornam diferentes umas das outras.

Fazendo-se uma representação do processo de urbanização no Brasil, vê-se que a urbanização da sociedade a qual compreende o alastramento das novas modernidades do presente que refletem na cidade, cede lugar à urbanização do território, que é a multiplicação mais ampla das variáveis modernas (SANTOS, 2009b).

O Brasil é predominantemente um país urbano e que se urbaniza cada vez mais, como também a América Latina é um continente bastante urbanizado, isso apresenta que a maioria da população vive em cidades, sejam elas grandes ou pequenas.

No entanto, é vital clarificar ou fazer uma aproximação do que se constitui uma cidade, não sendo esta uma tarefa fácil. Cada país tem seus critérios oficiais para se definir uma cidade, ocorrendo uma variação de um país para outro, no Brasil esses critérios são vagos e com caráter muitas vezes político, sendo que as cidades são sedes de municípios e as vilas são sedes de distritos (SOUZA, 2003).

Clarificando o que é uma cidade, pode-se afirmar que são assentamentos humanos muito variados, no que reporta-se às atividades econômicas que são desenvolvidas, diferente dos assentamentos rurais. A cidade é um centro de gestão do território com sedes de empresas privadas e estatais e núcleo do poder religioso e político.

Nas cidades se concentram classes sociais não vinculados diretamente à agricultura e pecuária, como os capitalistas, os trabalhadores, os profissionais liberais, as atividades econômicas são diferentes das encontradas nas aldeias ou povoados rurais. (SOUZA, 2003).

Nas aldeias, as quais nem sempre são de índios ou povoados, estas atividades se referem apenas ao abastecimento local e a vida econômica gira em torno destas atividades. Na cidade a vida econômica é diversificada e mais diversificada quanto maior for o tamanho da cidade (SOUZA, 2003).

Do mesmo modo, mas em uma menor dimensão, essas condições podem ser verificadas em uma cidade de pequeno porte, como é o caso de Cubati, nesta habita uma população não vinculada diretamente à agricultura e a pecuária, vivendo organizada nas dezenas de ruas e avenidas, e está estabelecido o coração do poder político local, que é a prefeitura e faz-se presente as instituições públicas de maior importância.

A população economicamente ativa desta cidade exerce diversas atividades, esta localidade possui um comércio bem sortido com a presença de mercadinhos, mercearias, a feira livre realizada aos sábados, e o abastecimento de bens de consumo não duráveis e semiduráveis (calçados, roupas).

No interior de qualquer cidade expõem-se diferenças nos tipos de espaço de acordo com seu uso, tendo-se os espaços de uso residencial e o espaço voltado para o comércio e serviços, as cidades possuem o centro, que no maior das vezes corresponde no centro histórico onde tudo se iniciou e a cidade foi fundada, sendo que varia de uma cidade para outra e de acordo com o tamanho (SOUZA, 2003).

Tratando-se, da cidade de Cubati, o centro corresponde atualmente no lugar o qual a cidade começou a ser edificada, no início do século XX, com as primeiras residências, o comércio incipiente e a edificação da atual igreja católica da cidade e, posteriormente, a construção da praça central.

No que importa aos espaços residenciais das cidades, estes são diferentes entre si, a divergência principal é o fator socioeconômico, de forma direta a variável renda é definidora destas diferenças. Essa diferenciação acontece no teor de condições de qualidade de vida materiais e imateriais espelhando uma diferença entre os grupos sociais.

As diferenças econômicas, de poder, de status, se refletem no espaço, havendo com isso uma determinação, ou mesmo uma influência, de qual parte cada grupo pode habitar. Na sociedade capitalista a classe social é o primeiro aspecto, vindo outros como o pertencimento a um grupo étnico, cultural, linguístico ou religioso (SOUZA, 2003).

O espaço urbano é o objeto geográfico do estudo da cidade, em que o mesmo apresenta várias características que interessam a Geografia, sendo um espaço fragmentado, articulado, reflexo da condição social e campo simbólico de lutas, podendo ocorrer várias análises por parte dos geógrafos.

O espaço urbano aparece com uma variação na forma produzida devido à ação feita pelos seus diferentes agentes modeladores que produzem e consome espaço, estes agentes são os proprietários de meios de produção, proprietários fundiários, promotores imobiliários, estado e os grupos sociais excluídos, estes agentes produzem as diversas formas da cidade (CORRÊA, 2011).

Com isso o espaço urbano torna-se um reflexo da sociedade, e é o resultado de ações que se realizaram no presente, como das que se realizaram no passado e deixaram suas marcas. O espaço urbano é uma sequência de formas espaciais, sendo também um espaço marcado pela desigualdade social, um espaço mutável (CORRÊA, 2011).

A ação humana sobre a superfície da terra tem criado ao longo do tempo diversos ambientes, sendo o ambiente urbano um desses criados pelo homem, no qual a natureza primitiva não existirá ou haverá apenas alguns resquícios, assim existirá uma segunda natureza, feita pelo trabalho social, diante disso o ambiente será um reflexo da sociedade (CORRÊA, 2011).

No entendimento de Souza (2003, p. 155) encontra-se que “o espaço urbano é um ambiente que os homens e mulheres criaram para si próprios”, um ambiente fortemente artificial, construído pela sociedade que os seres humanos concentram-se e interagem entre si, as sociedades humanas são marcadas por contradições e conflitos, sendo explícitos estes fatores nas cidades (SOUZA, 2003).

Nas cidades ocorre a predominância da segunda natureza, natureza produzida pelo ser humano, um ambiente construído no qual a natureza primitiva tem pouca importância ou foi profundamente alterada, havendo presentes na cidade diversos ambientes com as características dos grupos que o produziram.

O espaço urbano também pode ser visto como a organização espacial, a qual é produzida por diferentes usos da terra, esta pode ser vista como uma forma espacial, assim este espaço é aparente pela disparidade em suas áreas de habitação. O espaço urbano é um produto social, uma vez que é produzido pela sociedade ao longo do tempo, resultado de ações acumuladas por indivíduos que produzem e consomem espaço (CORRÊA, 1993).

Similar a outros agentes, o Estado também opera na organização do espaço, seu desempenho é difícil e acontecem variações, a atuação do Estado é feita através da implantação de sistemas de esgotos, calçamentos, e outros serviços públicos de maneira geral.

A atuação do Estado na organização espacial é feita através de três níveis político-administrativo e espacial que são o federal, o estadual, e por último, o municipal, a cada um

destes níveis a atuação do estado oscila, assim sendo tem-se o estado como modelador do espaço capitalista (CORRÊA, 1993).

O espaço urbano é produzido pelo que se conhece como processo espacial, no entanto é pertinente dilucidar o que venha a ser a expressão “processo espacial”, na opinião de Corrêa (1993, p.37) “trata-se de uma expressão empregada por geógrafos para tentar dar conta do que ocorre no espaço ao longo do tempo”, o processo espacial é o responsável pela organização da cidade capitalista.

O bairro é um local de reprodução dos diversos grupos presentes na sociedade, pois apresenta as diversas formas de reprodução do espaço ou mesmo os diferentes usos da terra por uma determinada população, pois o espaço urbano é o aspecto da sociedade materializada nas formas espaciais (CORRÊA, 1993).

No entanto, torna-se propício dilucidar sobre o que é, ou o que vem a ser um bairro. Primeiro é importante frisar que na literatura acadêmica existe uma ausência de contribuições relevantes sobre este conceito se tratando da abordagem teórica e conceitual, em Geografia o tratamento tem sido tradicionalmente superficial (SOUZA, 1989).

O bairro é pertencente à categoria de parte da realidade social, o qual possui uma identidade, que não se confunde para os indivíduos que nele habitam, e para outros de locais diferentes, mesmo que ocorram variações. O bairro consiste ainda numa parte da cidade que diante das relações sociais se constitui para os indivíduos em um espaço vivido e sentido (SOUZA, 1989).

Para que um bairro exista é necessário haver empatia no cidadão, é diante disso que se terá a identidade do bairro, esta empatia pode ser um reconhecimento de identidade ou uma simpatia, esta fraternidade fundamenta-se no amor e afeto pelo bairro, podendo ser chamada de bairrofilia (SOUZA, 1989). O bairro está inserido na escala interna da cidade possuindo componentes ao longo da sua evolução que trazem ideias de espaço vivido e identidade sócio-espacial (SOUZA, 2013).

Existem três critérios ou conteúdos que podem conceituar e identificar um bairro, esses critérios se fundamentam nas características que vão da paisagem à identidade. O primeiro deles é o conteúdo composicional, voltado para as características objetivas à composição de classes, e em matéria de atividades econômicas e a morfologia espacial.

O segundo é o conteúdo interacional o qual está voltado para as relações estabelecidas entre os indivíduos e os grupos fazendo com que se tenha certa centralidade (SOUZA, 2013). O terceiro e último conteúdo é o simbólico, o qual segundo Souza (2013, p.153) assegura que:

Diz respeito à imagem de um dado subespaço intraurbano como um espaço percebido e vivido, como um bairro, e não meramente como algum recorte ao qual se chega (uma instância de planejamento estatal, por exemplo) com base em algum critério “objetivo” definido em gabinete.

O bairro do Estado, de acordo com as informações coletadas, adapta-se ao terceiro critério ou conteúdo (simbólico), pois este não passou a ser considerado como bairro através de medidas impostas por autoridades locais, e nem possui centralidade, mas passou a ser denominado assim por habitantes do bairro e por pessoas de outras localidades da cidade.

A história destas ruas possuem a nomenclatura de “Bairro do Estado”, remonta ao decênio de 1960 quando o poder público estadual construiu reservatórios de água para suprir a carência dos habitantes da cidade, uma vez que esta sempre sofreu pela escassez desse recurso. Esses reservatórios ganharam o nome de “tanques do estado”. Esses recipientes de grande, médio e pequeno porte, construídos em um afloramento rochoso passaram a dar nome às ruas, que ficaram conhecidas popularmente como “Bairro do Estado”.

De outro modo, segundo as informações coletadas durante a pesquisa, a designação de “Bairro do Estado” foi estabelecida para retirar a expressão “Rua do lixo”, usada vulgarmente para chamar as duas primeiras ruas, por que estas ficavam próximas ao primeiro depósito de lixo da cidade, como foi relatado no capítulo um.

A “bairrofilia”, ou melhor, o apego, a afeição, a identidade para com o bairro, pôde ser constatada na pesquisa feita com os moradores do bairro do Estado, nas várias ruas que o bairro soma, estes foram perguntados se gostavam ou não de residir no bairro, a maioria assegurou que sim, gosta de morar no bairro.

Os motivos que os mesmos explicaram foram vários, como por ser, “um ambiente quieto”, “tranquilo”, “não ter bagunça”, “pela casa ser própria”, e outros por residirem no bairro desde que nasceram. Dos domicílios visitados, apenas em quatro residências os pesquisados afirmaram que não gostam de morar no bairro.

Considerando-se uma cidade de pequeno porte, e um bairro também pequeno como é o bairro do Estado, presente na cidade de Cubati, vê-se com o passar do tempo a produção de um espaço urbano, feita tanto por uma população carente, que utilizou seus métodos de produção de moradias, como a produção pelo poder público local.

Neste bairro ficou clara uma divisão econômica do espaço da cidade, pois o bairro teve seus primórdios com uma população escassa de recursos, habitando um espaço pertencente ao poder público, neste caso a prefeitura, que o obteve para ser utilizado como

depósito de lixo quando a cidade era incipiente, afastado do centro da cidade. Este terreno os indivíduos foram ocupando.

O Estado, no nível municipal interferiu de modo direto neste bairro, construindo as moradias para a população, ao longo do tempo, esta a princípio habitava em residências precárias e era marcada pela insuficiência de recursos, ou em outras palavras pelo que foi coletado, residentes destacados pela pobreza.

Em virtude do que foi mencionado, vê-se que o espaço urbano de uma pequena cidade, é transformado por ações realizadas no decorrer do tempo, havendo diferenças econômicas refletidas no espaço habitado, como compreende-se as diferenças de moradias e da organização das ruas, presentes no centro da cidade de Cubati, e as que são habitadas pelos moradores do Bairro do Estado.

3.2 DESIGUALDADE SOCIOESPACIAL E ADJUTÓRIO DO PODER PÚBLICO NO BAIRO DO ESTADO

A desigualdade socioespacial é exposta nas formas desiguais de apropriação do espaço habitado, espaço este marcado por carências e desigualdades tanto sociais como espaciais. Evidencia-se nestas desigualdades a ausência do Estado na realização de ações que melhorem o espaço habitado por um determinado grupo.

A fisionomia das ruas de um determinado bairro marcado por desigualdades sociais desde decênios passados, é diferente de um que sempre foi ocupado por pessoas com maior poder aquisitivo, no dizer de Rodrigues (2007, p. 75) verifica-se que “é visível até para os olhares desatentos a oposição entre áreas ricas e áreas pobres”.

Esta diferenciação socioespacial é uma marca das cidades, desde o início da urbanização, uma vez que as diferenças viram desigualdades, pois revelam as diferentes formas de apropriação do espaço, em que determinados grupos participam da vida no plano econômico, político e social de maneira precária (SPOSITO, 2012).

É cabível deslindar que essa desigualdade social e espacial é tratada aqui em um grau pequeno, ou seja, em nível microlocal, ou até mesmo numa escala microlocal que é o bairro do Estado, não obstante torna-se significativo elucidar o que vem a ser o conceito de escala.

O conceito de escala é bastante antigo em Geografia, sempre esteve sinalado na representação a distâncias presentes em exibições cartográficas, todavia este termo vem ganhando uma nova discussão libertando-se do entendimento apenas matemático (CASTRO, 2012).

Este vocábulo em Geografia tanto representa uma fração de divisão de uma superfície representada, como sendo também um indicador do tamanho de um espaço, pois todo fenômeno tem uma dimensão de ocorrência, de observação e de análise, a escala vem a ser uma medida para melhor observar, dimensionar e mensurar um fenômeno (CASTRO, 2012).

Neste trabalho considerar-se-á a escala espacial, ou a área de abrangência de um determinado fenômeno, que pode ser local, regional, nacional ou global, a escala espacial considera a ação do homem, voltada para práticas que se realizam em alçadas espaciais, limitados ou amplos, mas não separados, sendo marcas da atividade humana (CORRÊA, 2012).

A concepção de escala espacial aflora da dimensão variável no espaço da ação do homem e é utilizável para a clareza desta ação, ela é um elemento fundamental para o geógrafo, pois constitui parte integrante das práticas espaciais dos agentes sociais da produção do espaço (CORRÊA, 2012).

Na escala das cidades não existem espaços similares, a desigualdade socioespacial pode ser refletida ou pode não aparecer no espaço, a sociedade brasileira reflete estas desigualdades, pois é uma das mais desiguais do planeta, é ressaltante explicar que as noções de desigualdade socioespacial e diferenciação socioespacial tratadas aqui estão voltadas para apreciação de áreas. (VASCONCELOS, 2013).

A desigualdade socioespacial pode ser reconhecida até mesmo em um bairro pequeno de uma cidade de reduzida dimensão, em que determinada população é marcada por diferenças sociais e espaciais, como nas condições de vida e do local de moradia, como foi no passado e ainda é atualmente o bairro do Estado.

O bairro foi analisado a partir da escala espacial local, em que o mesmo foi produzido diante das ações dos agentes que transformaram o espaço no qual o bairro encontra-se ao longo do tempo. Este bairro, desde seu início, era marcado por diferenças espaciais e sociais visíveis a todos os que passavam por aquele local da cidade, pois era um espaço perceptível por moradias precárias ocupadas por uma população carente de recursos econômicos e humanos.

O bairro está localizado distante do centro da cidade, ocorrendo uma marginalização do mesmo, a qual o termo marginalização corresponde à dualidade centro/periferia, em que as áreas centrais são mais bem equipadas e dotadas de infraestrutura, enquanto as margens são o contrário, sendo denominadas de periferias, os termos marginalização e periferia podem ser utilizados tanto para áreas como para indivíduos (VASCONCELOS, 2013).

Com a aplicação de questionários com os moradores do bairro do Estado e entrevistas realizadas com os servidores públicos que atendem o mesmo, vê-se a existência de deficiências no que compete a qualidade de vida e ao padrão de vida dos seus habitantes.

Entretanto é proveitoso elucidar o que vem a serem estes dois conceitos, Qualidade de vida e Padrão de vida, o primeiro é mais abrangente e leva em consideração coisas que nem sempre podem ser adquiridas pelo indivíduo, e as vezes nem podem ser mensuradas, como a beleza cênica, a qualidade do ar, a liberdade política. O segundo conceito diz respeito ao poder aquisitivo de um sujeito expressando-se através de uma grandeza mensurável que é o dinheiro, e tem o mercado como referência (SOUZA, 2000).

No item Qualidade de vida dos moradores, o bairro de forma geral apresenta muitas deficiências, as ruas têm carências de infraestrutura perceptíveis a todos os que passam por aquele local, de maneira percebível nenhuma rua possui redes de esgotos, os quais correm a céu aberto, apenas o esgoto sanitário é despejado em fossa séptica, em outras três ruas não há pavimentação.

As ruas mais antigas do bairro, que são a José Martins de Oliveira e José Cordeiro Neto, as quais se formaram próximas ao depósito de lixo, em decênios antigos, foram pavimentadas entre os anos 2003-2004, mas os esgotos são despejados a céu aberto não tendo rede de esgotos.

Estas duas ruas são cortadas pelo trecho da rodovia estadual PB-167, as quais uma parte de cada rua, uma está próxima ao rio. Uma das agentes comunitária de saúde que atende o bairro afirmou haver o despejo de esgotos para dentro do rio, os outros esgotos correm pela rua, ainda ocorrendo à acumulação de lixo dentro deste regato.

Quando perguntadas sobre o que faltaria para se melhorar a infraestrutura do bairro, uma das agentes de saúde afirmou ser relevante “o saneamento básico, tirar o matadouro, limpar o rio que só tem esgoto, retirar os chiqueiros dos porcos e outros animais e a conscientização da população para não jogar lixo nas ruas e nos entornos”.

Fato comprovado em outra agente de saúde que atende o bairro e o agente de vigilância ambiental. Quando perguntados sobre o que falta ser feito para uma melhora na infraestrutura do bairro, afirmaram ser a rede de esgoto. Na saúde dos moradores do bairro, as agentes afirmaram que estas pessoas são acometidas por doenças como diarreia, verminoses, casos de hipertensão arterial, focos de dengue e existem crianças desnutridas.

Quando questionadas sobre o que deveria ser feito para que ocorra uma melhora na qualidade de vida dos moradores do bairro, as agentes de saúde afirmaram ser fundamental haver investimentos por parte das autoridades, em saneamento básico e infraestrutura e na

geração de empregos para quem não tem. No bairro existem três ruas que não são pavimentadas, as quais são a Rua Izabel Pereira dos Santos, Manoel Pereira da Silva e Lourival Alves de Lima, fato que favorece o despejo dos esgotos a céu aberto, nos dias chuvosos nas imediações destas ruas têm-se um espaço com o solo encharcado.

A Rua Izabel Pereira dos Santos (figura 10) contém oito residências e está localizada próxima ao rio e vizinha à creche, e perto de uma cacimba que segundo os moradores mais antigos do bairro existe desde tempos passados quando começou a ocupação do local, sendo conhecida popularmente como “cacimba dos bentos”.

Desta cacimba alguns moradores retiram água, esta água não é consumida, mas utilizada para aguar plantas, esta rua não tem pavimentação e fica localizada em frente ao campo de futebol existente no bairro. Segundo os moradores pesquisados, os esgotos desta rua correm a céu aberto, pois não tem rede, e os quintais são separados através de cercas de madeira de um domicílio para outro.

Figura 10: Rua Izabel Pereira dos Santos



Fonte: Pesquisa de campo

A Rua Manoel Pereira da Silva, a qual contém 10 residências e foi construída entre 2009-2010, nesta rua ocorre a ausência de pavimentação, e o derramamento dos esgotos acontece a céu aberto perto das residências, em algumas habitações os quintais são separados por cercas de madeira, esta rua está localizada ao lado do ginásio poliesportivo e na sua frente está uma parte do trecho da rodovia estadual PB-167 que corta o bairro do Estado, como pode ser constatado na figura 11.

Figura 11: Rua Manoel Pereira da Silva



Fonte: Pesquisa de campo

De forma semelhante, por trás da Rua Manoel Pereira da Silva, está a Rua Lourival Alves de Lima (figura 12), esta também foi construída entre os anos de 2009-2010, não foi pavimentada e o despejo dos esgotos acontece a céu aberto perto das residências. Devido a sua localização, esta rua fica ao lado do ginásio e próximo a ela está ocorrendo a construção do PSF (Posto de Saúde da Família), de maneira parecida às demais ruas mais recentes do bairro, nesta alguns quintais são separados por cercas de madeira.

Figura12: Rua Lourival Alves de Lima



Fonte: Pesquisa de campo

No aspecto educacional, os resultados obtidos com os moradores das ruas do bairro, foram diversificados, os que atualmente são os residentes mais antigos do bairro (com mais de 50 anos de idade), afirmaram que nunca estudaram, os mais jovens de forma geral certificaram que tiveram acesso a educação, sendo as séries variadas entre o nível fundamental e médio, alguns concluído os estudos, outros não.

Na categoria padrão de vida segundo as agentes de saúde e o agente de vigilância ambiental que atendem o bairro, as famílias mais carentes estão cadastradas e recebem alguns programas sociais do governo, o Bolsa Família é o principal de todos eles. Havendo outros programas como o Garantia Safra, PETI, Agente Jovem e o Programa Estadual do leite e do cuscuz. No entanto, segundo as pessoas que recebem este programa, atualmente ocorre apenas a distribuição do leite duas vezes por semana para as famílias cadastradas.

Na assistência infantil com a creche presente no bairro, as monitoras quando perguntadas se as famílias das crianças recebiam algum programa social, afirmaram que as mesmas recebiam o programa Bolsa Família e o programa estadual do leite. Decorrem ainda, segundo as monitoras, problemas estruturais presentes na creche, como falta de uma área de lazer, inexistência de computadores, prédio inadequado, fechado e muito quente.

A subordinação dos programas sociais do governo por uma parcela dos moradores foi comprovada com os questionários aplicados, quando perguntados, os mesmos responderam que recebiam o Bolsa Família, alguns poucos afirmaram não o receber por serem aposentados.

No embolso deste programa social, pelos moradores do bairro, ocorre apenas uma variação no valor recebido, o qual ficou entre 77,00, o menor valor, e 294,00, o maior valor. Pela pesquisa realizada vê-se que o valor do amparo diferencia-se de uma família para outra.

Entre as ruas José Martins de Oliveira e José Cordeiro Neto, as pessoas pesquisadas alegaram receber o programa Bolsa Família e não possuir um trabalho fixo, apenas algumas poucas declararam ser aposentados ou possuir um trabalho. Nas ruas Izabel Pereira, Manoel Pereira e Lourival Alves, as pessoas pesquisadas ratificaram não possuir um trabalho fixo, trabalhando apenas quando aparece algo para fazer, e tendo apenas o recebimento dos programas sociais concedidos pelo governo.

Com a bibliografia pesquisada, foi cabível fazer uma avaliação, ou melhor, uma aproximação de como se caracteriza, ou como pode se definir uma cidade, uma vez que esta é uma tarefa dificultosa. Apesar disso, a cidade de Cubati pode ser considerada uma urbe, em consequência de esta abranger alguns fundamentos, como uma população não ligada diretamente a agricultura, ser a sede do município, ter o comércio diversificado, e por fim, é uma aglomeração de pessoas organizadas nas diversas ruas.

A bibliografia alusiva ao conceito de bairro em Geografia é escassa, uma vez que não existem muitos escritos sobre o que é, ou quais são os atributos, os embasamentos utilizados para ser estabelecido um bairro, ainda assim podem ser relevados alguns fatos como o bairro sendo um local de identidade social e uma parte da cidade a qual, para as pessoas, é um espaço vivido e sentido.

O fundamento simbólico pelo qual se denomina Bairro do Estado vem pela presença dos tanques do estado, os quais foram construídos na localidade, e para retirar a acepção de “Rua do lixo”, como as iniciais ruas eram vulgarmente conhecidas pelos moradores, por estarem próximas ao primeiro depósito de lixo da cidade.

Com a pesquisa feita com os moradores do bairro, ficou clara a vivência da bairrofilia, a qual se constitui na afeição, no apego pelo bairro de moradia, visto que a maior parte dos moradores afirmou gostar de residir na localidade por vários motivos, como por habitarem desde criança e por ser um local tranquilo.

No enfoque social, foi constatada na condição de renda dos habitantes do bairro, uma dependência do poder público, já que em decênios passados estes moradores receberam ajuda do governo municipal com a construção das habitações, e atualmente a maioria dos seus habitantes recebe ajuda tanto do governo estadual e do governo federal, neste último pelo programa social Bolsa Família, sendo este de maior relevância.

Por fim, ainda no requisito social, foi constatada a ausência de empregos para a população em idade de desempenhar um trabalho, tanto as mulheres pesquisadas como os homens, ocorrendo o exercício em alguns casos de subempregos, e a dependência dos programas sociais.

No questionamento espacial, foi averiguado que o bairro apresenta ausências estruturais, como falta de redes de esgotos, falta de pavimentação em três ruas, e a presença do córrego adjunto ao bairro, o qual ocorre a acumulação de esgotos e em alguns locais lixo, vê-se desse modo que a qualidade de vida dos habitantes do bairro é afetada pela falta de infraestrutura necessária.

O bairro do Estado foi dessa forma “produzido” com o passar dos decênios, tanto por parte dos seus habitantes carentes de recursos, como por parte das intervenções do poder público municipal, as quais estas foram realizadas de maneira inconstante, ou seja, sem um planejamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa foi essencial, uma vez que por meio desta pôde-se constatar como foi o modo de ocupação e decorrente exploração das terras do que atualmente é a região do Seridó, mais precisamente o Seridó do estado da Paraíba, estando presente nesta ocupação e exploração às terras as quais, no tempo coevo, está o município e a cidade de Cubati. Diante da bibliografia examinada, ficou evidente a pertinência do rio Seridó, para a ocupação das terras, uma vez que esse rio é citado em diversas concessões, e o mesmo era utilizado como balizamento e limite das sesmarias concedidas, sendo importante para os exploradores destas terras e antes disso para os índios que habitavam esta região.

Com esta pesquisa pôde-se contribuir à história do nascimento da cidade e do município de Cubati, a começar pela remota época em que as terras as quais está o município eram habitadas pelos índios Tapuias, pertencentes à tribo dos Janduís, depois com a existência da fazenda Canoas, a formação da vila, do distrito, e por último, a emancipação política.

Nesta pesquisa, a utilização da Geografia histórica foi considerável, uma vez que através da memória individual conservada nas pessoas, pôde-se resgatar a história do que no tempo hodierno é o bairro do Estado. Esta história foi transmitida por aqueles que habitam o bairro desde decênios passados, aqueles que o conhecem, e por pessoas as quais em algum momento de suas vidas prestaram serviços naquele local.

Esta Geografia do bairro do Estado foi colocada em suas características Espaciais, como a maneira da utilização do local em que o bairro está, à forma de ocupação pelos primeiros habitantes, o formato das primeiras habitações, os atributos da população que as habitava, e por fim, as diversas intervenções do poder público local, tanto realizadas no passado como no tempo contemporâneo.

Com as diversas leituras e diálogos dos distintos autores, pôde-se verificar Cubati como uma urbe, em razão desta ser habitada por uma população não ligada diretamente a agricultura, ser uma aglomeração de pessoas, de construções e estabelecimentos públicos e ser a sede do município. No entanto, esta verificação de Cubati como uma cidade foi feita como uma aproximação, pois não existe um critério, ou alguns critérios, para se distinguir o que é uma cidade ou o que faz que uma cidade seja uma cidade.

De forma semelhante, pôde ser constatado e elencado por que o bairro do Estado tem essa denominação, ao passo que houve uma procura bibliográfica para saber o que quer dizer o conceito de bairro, ou como pode ser dividido, separado um bairro, no caso do bairro do

Estado, o conteúdo que se encaixa é o simbólico, uma vez que o termo bairro não foi atribuído por autoridades, mas pelos moradores. É relevante expor que o termo bairro tem uma carência de escritos em Geografia.

Na pesquisa puderam ser verificados os problemas de infraestrutura presentes no bairro do Estado, e ao mesmo tempo constatar a dependência dos programas sociais concedidos pelo governo para os seus moradores, tanto do governo federal como os do governo estadual.

Neste estudo foi importante o conhecimento da diferenciação socioespacial, a qual foi constatada dentro de uma cidade de pequeno porte, com um “bairro” que tem suas ruas diferentes das demais ruas da cidade, o qual foi “produzido” no começo tanto por seus moradores carentes e seguidamente pelo poder público.

O uso da categoria paisagem foi indispensável para o entendimento das modificações feitas no que hoje é o bairro do Estado. Com a compreensão dessa categoria, pôde-se constatar as diferentes aparências que o local teve no decorrer do tempo, no início de tudo o local era utilizado com um “campo de agave”, achegado tinha-se o afloramento rochoso em que foram feitos os tanques, depois uma parte deste terreno é utilizada para o depósito de lixo e em seguida começa a ocupação pelas pessoas.

Neste bairro se teve o estudo de uma paisagem transformada com o passar dos decênios, no começo com a formação das primeiras ruas com as “casas de taipa”, depois com as intervenções do poder público construindo estas habitações e os diversos prédios públicos em diferentes gestões municipais, ao redor desta paisagem “produzida” do bairro do Estado, está o sítio Canoa Velha.

No local foi verificado que a antiga paisagem natural foi aos poucos dando forma, aparência, feição a uma paisagem artificial, feita, ou mesmo construída pelos seres humanos de acordo com suas precisões, neste caso em residências, mesmo estas moradias feitas no princípio de forma rudimentar.

O sítio Canoa Velha com seus diversos habitantes, presenciou o nascimento do bairro do Estado, e suas transformações, porém no tempo atual, em alguns pontos atrapalha-se ou acontece uma “confusão” do que pertence ao bairro do Estado e do que faz parte do sítio Canoa Velha, uma vez que o bairro está o adentrando. Com as leituras e observações realizadas vê-se que o bairro do Estado está localizado numa “beirada” da cidade, dessa forma têm-se a presença de alguns requisitos tipicamente rurais como a criação de pequenos animais próximos as moradias, a passagem do rio no qual suas várzeas são cheias de vegetação e vários terrenos baldios entre as ruas os quais servem apenas para o crescimento do mato.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2012. Cap.1, p.19-39.

AGRA, Fabiana de Fátima Medeiros. **Picuí do Seridó: dos primórdios até 1930**. João Pessoa: A união, 2010.

ALVES, Angelita Carla Pereira; SOUSA, Dominik Frarias de. A guerra dos bárbaros na capitania real da Paraíba. Tarairiú: revista eletrônica do laboratório de arqueologia e paleontologia da UEPB. Campina Grande, v.1, n.4, p. 22-33, abr/mai. 2012. Disponível em: revistatarairiu.blogspot.com.br.>Acesso em 28 fev.2015.

ANDRADE, Manoel Correia de. **Geografia: ciência da sociedade**. 2. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE. 2008.

BAGLI, Priscila. Rural e urbano: harmonia e conflito na cadência da contradição. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Org). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo. Expressão popular, 2006. Cap.5, p.81-109.

BECHARA, Evanildo. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009.

BERNARDELLI, Mara Lúcia Falconi da Hora. Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. WHITACKER, Arthur Magon; (Org). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Expressão popular, 2006. Cap.2, p.33-52.

BRITO, Vanderley de; OLIVEIRA, Thomas Bruno. A missão catequética de Campina Grande: uma pseudomissão para dissimular o etnocídio nos sertões da Paraíba. Tarairiú: revista eletrônica do laboratório de arqueologia e paleontologia da UEPB. Campina Grande, v.1, n.4, p.7-21, abr/mai.2012. Disponível em: revistatarairiu.blogspot.com.br.>Acesso em 28 fev.2015.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTRO, Iná Elias de. O problema da escala. In: CASTRO, Iná Elias de. GOMES, Paulo Cesar da Costa. CORRÊA, Roberto Lobato. (Org). **Geografia: conceitos e temas**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. Cap.12, p.117- 140.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

_____. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2012. Cap.2, p.41-51.

____. **Trajetórias geográficas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

ENDLICH, Ângela Maria. Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. WHITACKER, Arthur Magon; (Org). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Expressão popular, 2006. Cap.1, p.11-31.

OZILDO, José. Cubati das origens a urbanização - parte 1. **A folha de Cubati**: edição especial. Cubati-PB, jul.1995. História Viva, p.3-4.

RIETVELD, Padre João Jorge. **História da paróquia de Nossa Senhora da Luz de Pedra Lavrada**: a devoção de José Bezerra da Costa. Campina Grande: Maxgraf, 2010.

RODRIGUES, Arlete Moysés. Desigualdade socioespacial- a luta pelo direito à cidade. **Revista Cidades**, Presidente Prudente, v. 4, n.6, p.73-88. Jan./Dez.2007.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 5. ed. 2. reimpressão. São Paulo: Edusp, 2009b.

____. **A urbanização desigual**: a especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2010.

____. **Manual de geografia urbana**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2008b.

____. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 6. ed. 1. reimpressão. São Paulo: Edusp. 2012b.

____. **O espaço do cidadão**. 7. ed. 1. reimpressão. São Paulo: Edusp, 2012a.

____. **Pensando o espaço do homem**. 5. ed. 2. reimpressão. São Paulo: Edusp, 2009a.

____. **Técnica, espaço, tempo**. globalização e meio técnico-científico-informacional. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008a.

SANTOS, Juvandi de Sousa. Métodos classificatórios dos indígenas do Brasil do pós-contato: uma rápida revisão bibliográfica. Tarairiú: revista eletrônica do laboratório de arqueologia e paleontologia da UEPB. Campina Grande, v.1, n.4, p.34-45, abr/mai. 2012. Disponível em: revistatarairiú.blogspot.com.br. > Acesso em 28 fev. 2015.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Abc do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

____. O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v.51, n.2. p.139-172. Abr/Jun.1989 IBGE.

____. **O desafio metropolitano**: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

____. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2013.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2012. Cap.7, p.123-145.

_____. A questão cidade- campo: perspectivas a partir da cidade. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. WHITACKER, Arthur Magon; (Org). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Expressão popular, 2006. Cap.6, p.111-130.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Contribuição para o debate sobre processos e formas socioespaciais nas cidades. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria. (Org). **A cidade contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: Contexto, 2013. cap.1, p.17-37.

APÊNDICE

APÊNDICE A

ENTREVISTA PARA SER REALIZADA COM AQUELES (AS) QUE NÃO MORAM NO BAIRO, MAS O CONHECEM

(moradores do centro da cidade e do sítio Canoa Velha, este último fica distante alguns metros do bairro).

- 1- Para que era utilizado no passado o local que o Bairro do Estado está localizado?
- 2- Como houve a ocupação do local que o bairro está pelos seus primeiros moradores?
- 3- Como eram as moradias no início da formação do bairro?
- 4- Em relação ao padrão de vida (renda), como eram os primeiros moradores do bairro?
- 5- De acordo com o tempo que conhece o bairro e pelos seus habitantes, o/a senhor (a) acredita que estas pessoas foram marginalizadas, ou ainda o são atualmente?
- 6- No seu entendimento, qual gestão municipal mais atuou pelo Bairro do Estado? O que foi feito?

APÊNDICE B

ENTREVISTA PARA SER APLICADA AOS AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE QUE ATENDEM O BAIRRO DO ESTADO

(Duas agentes comunitárias de saúde e um agente de vigilância epidemiológica)

1-De acordo com o tempo que o/a senhor(a) conhece o Bairro do Estado, para que era utilizado no passado o local em que o bairro está, e como este bairro era conhecido?

2- Os moradores mais carentes do bairro participam dos programas sociais oferecidos pelo governo? Quais?

3- De acordo com seu tempo de serviço, o que falta ser feito para que ocorra uma melhora na infraestrutura do Bairro do Estado?

4-Os esgotos das residências e o esgotamento sanitário são canalizados para uma rede ou as residências utilizam a fossa séptica?

5- O que seria necessário ser feito para uma melhor qualidade de vida destes moradores?

6-De acordo com o seu conhecimento sobre o bairro, seus moradores são marginalizados? Sofrem alguma discriminação?

7-O/A senhor(a) poderia dizer quais são as doenças que acometem os moradores do bairro?

APÊNDICE C

ENTREVISTA PARA SER APLICADA COM AS MONITORAS QUE TRABALHAM NA CRECHE PRESENTE NO BAIRRO

Esta creche atende crianças até os três anos de idade, durante o período da manhã e até às duas horas da tarde.

- 1- As crianças que frequentam a creche apresentam deficiências na aprendizagem?
- 2- De acordo com o tempo em que a senhora trabalha nesta creche estas crianças são de alguma forma marginalizadas?
- 3- De acordo com sua atuação na creche, os moradores do bairro são marginalizados?
- 4- A creche funciona com toda infraestrutura necessária?
- 5- De acordo com seu trabalho, as famílias destas crianças participam dos programas assistências do governo?

APÊNDICE D**QUESTIONÁRIO PARA SER APLICADO COM OS MORADORES (AS) DO BAIRRO DO ESTADO**

Respondente: Masculino () Feminino () Outro ()

Idade:

Estado civil:

1- Há quanto tempo o/a senhor (a) reside no Bairro do Estado?

2- Quantas pessoas moram nesta residência?

3- O/A senhor (a) poderia informar para que era utilizado no passado o local que o Bairro do Estado está localizado?

4- O/A senhor (a) saberia dizer como eram as moradias no início da formação do bairro?

5- Esta residência possui rede de esgotos?

6- Qual seu grau de escolaridade?

7- De forma geral qual o grau de escolaridade da sua família?

8- O/A senhor(a) tem um trabalho fixo?

9- Qual é a sua renda mensal aproximadamente?

10- O/A senhor (a) faz parte de algum programa social do governo? Se afirmativo, qual?

11- Em sua opinião, e de acordo com o tempo que reside no bairro, qual gestão municipal mais atuou pelo bairro? E o que fez?

12- O/A senhor (a) gosta de morar no bairro? Justifique.